



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Artes Aplicadas

“DESIGN TO LIVE”

Casacos transformáveis para migrantes e refugiados

Diana Gomes Soares

Orientadores

Professora Especialista Joana Filipa Tomé Góis da Silva

Professora Mestre Maria Cristina Queijeiro Borges de Almeida

Trabalho de Projeto apresentado à Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciado em Design de Moda e Têxtil, realizado sob a orientação científica da Professora Joana Góis e da Professora Cristina Queijeiro, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Junho de 2024

Composição do júri

Presidente do júri

Professora Mestre, Brígida Isabel Gonçalves Ribeiros
Adjunta da Escola Superior de Artes Aplicadas

Arguente

Professora Especialista, Alexandra Eduarda Botelho Moura
Adjunta da Escola Superior de Artes Aplicadas

Orientadores

Professora Mestre, Maria Cristina Queijeiro Borges de Almeida
Adjunta da Escola Superior de Artes Aplicadas

Professora Especialista, Joana Filipa Tomé Góis da Silva
Adjunta da Escola Superior de Artes Aplicadas

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos os que disponibilizaram e cooperaram para a concretização deste projeto.

De modo particular gostaria de agradecer à professora orientadora Maria Cristina Queijeiro Borges de Almeida e à professora Joana Filipa Tomé Góis da Silva não só pelas horas dedicadas a este projeto mas também pela sua valiosa compreensão pela minha situação enquanto aluna trabalhadora-estudante, sempre dispostas a disponibilizarem do seu tempo para ajudar no projeto. E por último, um enorme obrigado pela ajuda e conhecimento dispensado no decorrer deste percurso.

Quero também deixar um agradecimento especial à Engenheira Tânia Amorim, pelo apoio, paciência e enorme compreensão que teve comigo, permitindo-me faltar ao meu emprego as vezes que fossem necessárias, para que pudesse concluir a licenciatura; e ainda à minha chefe Delfina Ferreira, a minha segunda mãe, que me apoiou incondicionalmente durante este longo percurso atribulado, incentivando-me a nunca desistir dos sonhos.

Por fim, e não menos importante, quero agradecer aos meus pais, ao meu irmão e aos meus amigos, que estiveram sempre presentes para me dar forças e não desistir, mesmo quando sentia que não aguentava mais. Ensinaram-me que com esforço e muito trabalho, tudo se consegue.

Resumo

O presente relatório tem como intuito demonstrar o trabalho desenvolvido para projeto final da licenciatura na área de Design de Moda e Têxtil, realizado pela aluna Diana Gomes Soares e consiste na criação de produtos de vestuário transformáveis, tendo uma especial atenção à funcionalidade e versatilidade

A elaboração deste projeto surgiu como resposta há crise de migrantes e refugiados que se vive atualmente e visa responder às dificuldades de quem vive na rua, uma consequência direta desta crise humanitária.

Ao longo deste relatório, pretende-se demonstrar toda a pesquisa e desenvolvimento realizado e apresentar os objetivos atingidos e que foram inicialmente propostos.

Palavras chave

Transformável, Migrantes, Refugiados, Cor, Forma

Abstract

The purpose of this report is to demonstrate the work developed for the final project of the degree in Fashion and Textile Design, carried out by student Diana Gomes Soares and consisting of the creation of transformable clothing products, paying special attention to functionality and versatility

This project was developed in response to the current migrant and refugee crisis and aims to respond to the difficulties of those living on the streets, a direct consequence of this humanitarian crisis.

The aim of this report is to demonstrate all the research and development carried out and to present the objectives that were achieved and initially proposed.

Keyword

Transformable, Migrants, Refugees, Color, Shape

Índice geral

1. Introdução	1
1.1. Problemática.....	1
1.2. Objetivos Gerais e Específicos.....	2
1.3. Metodologia Projetual.....	3
2. Enquadramento teórico.....	4
2.1. Crise de Refugiados e Migrantes.....	4
2.2. Design Social como resposta a um problema.....	11
2.2.1.0 Papel Social do Design.....	11
2.2.2. Inovação Social no Sector da Moda.....	15
2.3. Design - O Vestuário Transformável	18
2.3.1. Definição de Vestuário Transformável.....	18
2.3.2. O Sistema Modular no Vestuário.....	20
2.3.3 Casos de Estudo.....	21
2.4. Materiais e Aviamentos.....	30
2.5. Psicologia e Simbologia da Cor.....	40
3. Desenvolvimento e Conceptualização do Projeto.....	42
3.1. Projeto “Design To Live”	42
3.1.1. Público-Alvo.....	42
3.1.2. Marcas Concorrentes.....	49
3.2. Peças Transformáveis.....	58
3.2.1. Painel do Conceito.....	58
3.2.2. Memória Descritiva.....	58
3.2.3. Paleta de Cores.....	59
3.2.4. Painel de Materiais e Aviamentos.....	60
3.2.5. Experimentação de Dobragens.....	61
3.2.6. Esboços	65
3.2.7. Ilustrações Finais.....	73
3.2.8. Fichas Técnicas.....	81
3.3. Modelagem/Protótipo.....	90

3.4. Peça Final.....	91
3.5. Orçamento.....	92
4. Conclusão.....	95
5. Bibliografia.....	97
6. Webgrafia.....	99
7. Apêndice.....	101

Índice de figuras

Figura 1 Organograma da estrutura do trabalho.....	3
Figura 2 Mapa com os países com a situação de refugiados	4
Figura 3 UNHCR: Situação da Europa chegadas e populações deslocadas.....	5
Figura 4 Evolução do número de estrangeiros residentes em Portugal até 2022.....	6
Figura 5 Nacionalidades mais representativas em Portugal, em 2022.....	6
Figura 6 Gráfico da evolução dos pedidos de asilo, desde 2018 a 2022.....	7
Figura 7 Pedidos de asilo por género e idade em 2022.....	7
Figura 8 Principais nacionalidades dos migrantes e requerentes de asilo.....	8
Figura 9 Notícia sobre requerentes de asilo acampados em Lisboa.....	10
Figura 10 Notícias sobre pessoas em situações de sem abrigo.....	10
Figura 11 O diagrama de função.....	12
Figura 12 Bicicleta multi funcional.....	13
Figura 13 Design Social.....	14
Figura 14 Fatores do design social.....	14
Figura 15 Respiradouro e suporte.....	16
Figura 16 No lado esquerdo, os botões em condições luminosas.....	16
Figura 17 Casaco que se transforma em tenda.....	17
Figura 18 Produção do produto modular.....	19
Figura 19 Logotipo Chester Perry e primeiro logótipo da marca C.P Company.....	21
Figura 20 Ilustração para revistas e casaco inspirado no uniforme da Polícia Holandesa.....	22
Figura 21 Edição “MILLE MIGLIA” e Edição de SS988 da Revista.....	23
Figura 22 Anúncio do “Tent Jacket”.....	24
Figura 23 Anúncio do “Kite”.....	25
Figura 24 Anúncio do “Sleeping Bag – Jacket”.....	25
Figura 25 Casaco comprido que se transforma numa “cama-de-rede”.....	26
Figura 26 Casaco insuflável impermeável, que se transforma numa poltrona.....	26
Figura 27 Utilização do artigo como peça de roupa.....	27
Figura 28 Utilização do artigo com bolsos para guardar pertences pessoais.....	28
Figura 29 Utilização do artigo como saco-cama.....	28
Figura 30 Utilização do artigo como tenda.....	29
Figura 31 Ilustração da membrana respirável e impermeável.....	36
Figura 32 Representação gráfica das características da membrana Sympatex.....	36
Figura 33 Casaco acolchoado com isolamento.....	37
Figura 34 Calças com tecido sobreposto anti-rasgões.....	38

Figura 35 Ilustração do tecido com a tecnologia Polartec® NeoShell®.....	39
Figura 36 Painel Público-Alvo. (Fonte própria).....	42
Figura 37 Gare do Oriente, onde vivem mais de 30 pessoas em situação de sem-abrigo.....	44
Figura 38 O Cais Fluvial, onde dormiam migrantes timorenses.....	44
Figura 39 Principais nacionalidades dos migrantes e requerentes de asilo.....	45
Figura 40 Nacionalidades das pessoas integradas no projeto CVP.....	45
Figura 41 Excerto de imagem do vídeo Experimento Social.....	48
Figura 42 Painel de Mercado ADIFF (Fonte Própria).....	50
Figura 43 Painel de Produto ADIFF (Fonte Própria).....	51
Figura 44 Painel de Mercado Sheltersuit (Fonte Própria).....	52
Figura 45 Painel de Produto Sheltersuit (Fonte Própria).....	53
Figura 46 Painel de Produto ORTA (Fonte Própria).....	55
Figura 47 Projeto Refuge Wear de Lucy Orta.....	56
Figura 48 Painel de Produto ORTA (Fonte Própria).....	57
Figura 49 Painel de Conceito (Fonte Própria).....	58
Figura 50 Paleta de cores.(Fonte Própria).....	59
Figura 51 Paleta de matérias-primas. (Fonte Própria).....	60
Figura 52 Paleta de aviamentos. (Fonte Própria).....	60
Figura 53 Experimentação de dobragem para desenvolver o 1.º casaco. (Fonte Própria).....	61
Figura 54 1.ª Experimentação de dobragem para desenvolver o casaco/mochila. (Fonte Própria).....	62
Figura 55 2.ª Experimentação de dobragem para desenvolver o casaco/mochila. (Fonte Própria).....	63
Figura 56 3.ª Experimentação de dobragem para desenvolver o casaco/mochila. (Fonte Própria).....	64
Figura 57 Estudo de dimensões dos objetos do kit de sobrevivência. (Fonte Própria).....	66
Figura 58 Estudo de dobragens. (Fonte Própria).....	66
Figura 59 Estudo de dobragens. (Fonte Própria).....	67
Figura 60 Esboços. (Fonte Própria).....	68
Figura 61 Esboços. (Fonte Própria).....	69
Figura 62 Esboços. (Fonte Própria).....	70
Figura 63 Esboços. (Fonte Própria).....	71
Figura 64 Esboços. (Fonte Própria).....	72
Figura 65 Esboços. (Fonte Própria).....	73
Figura 66 Estudos de alças para a mochila. (Fonte Própria).....	74
Figura 67 Estudos de alças para a mochila. (Fonte Própria).....	74
Figura 68 Esboços. (Fonte Própria).....	75
Figura 69 Esboços. (Fonte Própria).....	76

Figura 70 Esboços. (Fonte Própria).....	77
Figura 71 Esboços. (Fonte Própria).....	78
Figura 72 Esboços. (Fonte Própria).....	79
Figura 73 Ilustrações finais. (Fonte Própria).....	80
Figura 74 Ilustração casaco/cobertor/saco-cama. (Fonte Própria).....	81
Figura 75 Ficha técnica do casaco/cobertor/saco-cama. (Fonte Própria).....	82
Figura 76 Ficha técnica do casaco/cobertor/saco-cama. (Fonte Própria).....	83
Figura 77 Ficha técnica do processo de transformação do 1.º casaco. (Fonte Própria).....	84
Figura 78 Ilustração casaco/mochila. (Fonte Própria).....	85
Figura 79 Ficha técnica do casaco/mochila. (Fonte Própria).....	86
Figura 80 Ficha técnica do casaco/mochila. (Fonte Própria).....	87
Figura 81 Ilustração das diferentes posições da mochila. (Fonte Própria).....	88
Figura 82 Ficha técnica do processo de transformação do 2.º casaco. (Fonte Própria).....	89
Figura 83 Prototipagem. (Fonte Própria).....	90
Figura 84 Protótipo final. (Fonte Própria).....	91

Lista de tabelas

Quadro 1: Classificação dos aviamentos.....	31
Quadro 2: Aviamentos funcionais e as suas funções.....	32 a 34
Tabela 1 - Cálculo do custo do projeto. (Fonte Própria).....	92
Tabela 2 - Cálculo do custo da produção do protótipo. (Fonte Própria).....	93
Tabela 3 - Cálculo do custo da produção do protótipo. (Fonte Própria).....	93
Tabela 4 - Cálculo do custo de produção. (Fonte Própria).....	94
Tabela 5 - Ponto crítico de venda. (Fonte Própria).....	94

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

ACM – Alto Comissariado para as Migrações

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

AIMA – Agência para a Integração, Migrações e Asilo

CNN - *Cable News Network*

CNN - Rede de Notícias a Cabo

COVID-19 – *Corona Virus Disease-2019*

COVID-19 – Doença do Coronavírus - 2019

CPR – Conselho Português de Refugiados

CVP– Comunidade de Vida e Paz

ENIPSSA- Estratégia Nacional para a Integração das Pessoas em Situação de Sem-Abrigo

IWM- Imperial War Museums

OIM – Organização Internacional para as Migrações

ONU – Organizações das Nações Unidas

PAR – Plataforma de Apoio aos Refugiados

RTP – Rádio e Televisão de Portugal

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

SIC - Sociedade Independente de Comunicação

TVI – Televisão Independente Internacional

UNHCR – Agência da ONU para refugiados

UNHCR - *United Nations High Commissioner for Refugees*

UNICEF – Fundo Internacional de Emergência para a Infância das Nações Unidas

1. Introdução

O presente projeto consiste na criação, de duas peças de vestuário transformáveis, a partir de uma determinada tipologia de roupa, nomeadamente, o casaco. Estes produtos destinam-se para migrantes e refugiados em situação de sem-abrigo, onde se pretende explorar a funcionalidade e a versatilidade.

Desta forma, pressupõe-se que não será necessário ter diferentes peças para suprir diferentes necessidades. Assim, serão economizados recursos, matérias-primas e tempo, de acordo com um modo de vida mais sustentável.

1.1. Problemática

No âmbito da disciplina de Projeto do curso de licenciatura de Design de Moda e Têxtil, parti da problemática de um dos temas atuais no setor da moda: a crise da migração.

Enquanto futura designer e considerando os problemas da habitação, as alterações climáticas quis participar e dar um contributo na resolução de um problema tentando dar melhores condições de vida aos migrantes e refugiados em condições de sem abrigo.

Desta forma, a solução que se propõe é a aplicação do conceito da transformação numa peça considerada um “básico” (casaco), onde o converter e a funcionalidade são os principais elementos que serão explorados, de forma a dar resposta às necessidades de quem vive em situação de desalojamento.

1.2. Objetivos Gerais e Específicos

Definiu-se como objetivo geral:

- Criação de produtos com um design transformável (vestuário-objeto), denominados *Design To Live*, tendo como público-alvo pessoas migrantes e refugiadas em situação de sem abrigo.
 - No desenvolvimento deste design de produto, pretende-se mostrar que estas pessoas serão bem acolhidas à nossa sociedade valorizando a sua coragem em enfrentar as mais diversas dificuldades.

E como objetivos específicos:

- Pesquisar os conceitos e problemas que integram a crise de refugiados e imigrantes, o design social e a psicologia da cor, ambos aplicados no desenvolvimento dos produtos transformáveis;
- Definir os valores e missão deste projeto;
- Caracterizar o público-alvo;
- Pesquisar marcas concorrentes;
- Apresentar de uma estratégia de comunicação/negócio;
- Pesquisar sobre as formas geométricas no design e perceber como podem ser aplicadas nos produtos transformáveis;
- Pesquisar materiais adequados às condições climáticas, nomeadamente para temperaturas mais baixas, para a chuva e o vento, etc.;
- Explorar o casaco enquanto peça transformável em objeto, aplicando o conceito da transformação e multi funcionalidade;
- Definir a estrutura de produtos (vestuário-objeto), analisando a versatilidade e a funcionalidade de cada um deles;
- Realizar experimentações e prototipagem com resposta aos problemas encontrados.

1.3. Metodologia Projetual

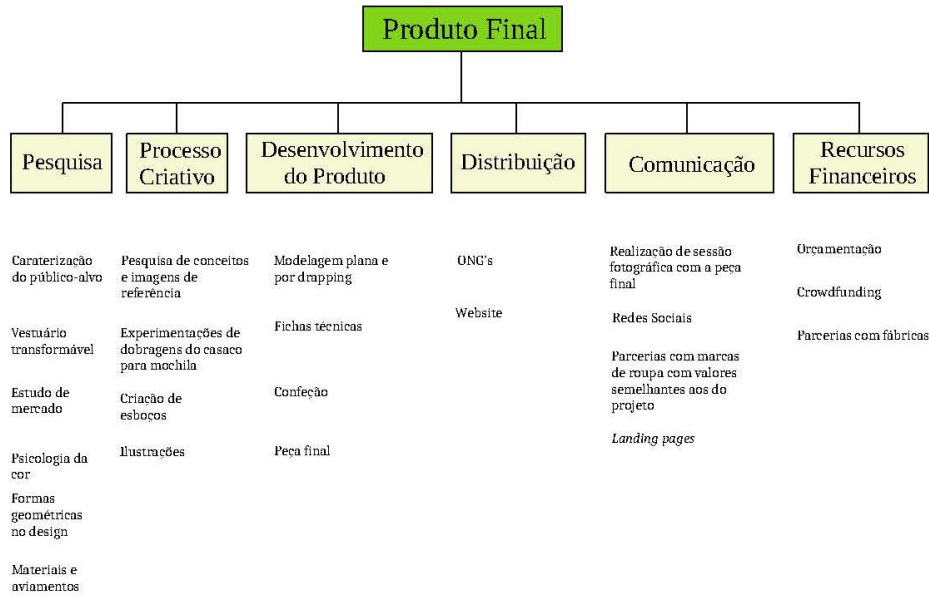


Figura 1 - Organograma da estrutura do trabalho. (Fonte própria - 2024)

2. Enquadramento Teórico - Conceitos Inerentes ao Projeto

2.1. Crise de migrantes e refugiados

A crise de migrantes e refugiados é um fenómeno que está a marcar inevitavelmente o século XXI. Estes cidadãos, associados a realidades extremas, e por vezes, marginalizados pela sociedade, vítimas de preconceitos, lutam diariamente pela sobrevivência. A solução passa por abandonar os seus países de origem, muitas vezes devastados pela guerra, e procurar asilo noutros países.

Os refugiados e migrantes são originários sobretudo de países em conflito, associados, na maioria das vezes, a contextos de violência e pobreza. De acordo com o relatório de 2023 sobre o asilo, “o aumento dos níveis de conflito e das violações dos direitos humanos ao longo da última década persistiu em 2022. A conjugação de crises, incluindo os novos conflitos e os que persistem, choques climáticos, instabilidade geopolítica, violência e perseguição, levou milhões de pessoas a abandonarem as suas casas em 2022. A invasão da Ucrânia pela Rússia provocou uma das maiores e mais rápidas crises de deslocações forçadas desde a Segunda Guerra Mundial.” (EUAA, 2023, p.9)

Outras situações marcantes já existentes anteriormente de deslocação em todo o mundo continuam a perdurar ou a agravar-se, “elevando o número de pessoas deslocadas a nível mundial para máximos históricos em 2022, de aproximadamente 103 milhões, de acordo com as estimativas do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR).” (EUAA, 2023, p.9)



Figura 2 - Mapa com os países com a situação de refugiados. Última atualização a Fevereiro de 2024. (Fonte: <https://www.unhcr.org/refugees>)

De acordo com dados da ACNUR, a população deslocada faz a travessia por terra e pelo mar. No entanto, a esmagadora maioria faz a travessia pelo Mar Mediterrâneo, com a Grécia, a Itália e a Espanha, embora em muito menor escala, a surgirem como inevitáveis pontos de chegada ao continente.

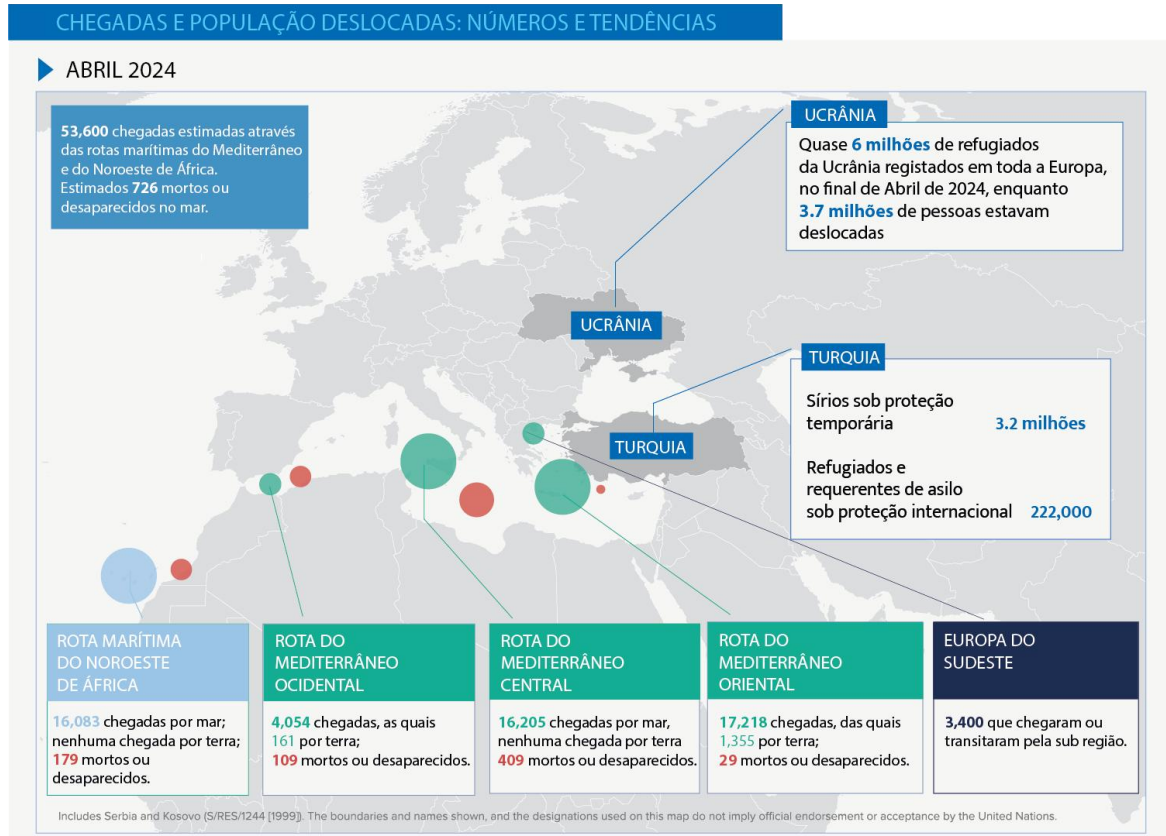


Figura 3 - UNHCR: Situação da Europa - chegadas e populações deslocadas em Abril de 2024. (Fonte: Adaptado pelo autor 2024)

A partir da figura anterior, pode-se perceber que, na rota terrestre, a Turquia tem-se revelado a principal porta de entrada do continente europeu, contudo, a rota marítima representa a maioria das chegadas à Europa, a qual tem o objetivo principal de chegar a países mais estruturados para começar uma nova vida.

De acordo com o relatório do SEF (2022), os cinco principais países de acolhimento são nomeadamente Alemanha, França, Espanha, Áustria e Itália.

Apesar de Portugal não ser o um dos principais destinos de migração, segundo o relatório do SEF (2022), na análise da evolução da população estrangeira em Portugal, é verificado um aumento, pelo sétimo ano consecutivo, de cidadãos estrangeiros, oriundos de diferentes países, os quais são, de acordo com os gráficos mostrados a seguir.

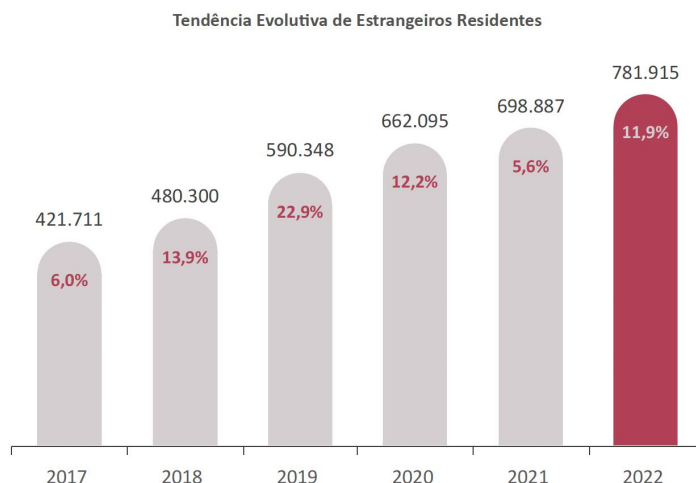


Figura 4 - Evolução do número de estrangeiros residentes em Portugal até 2022. (Fonte: Relatório do SEF, 2022)

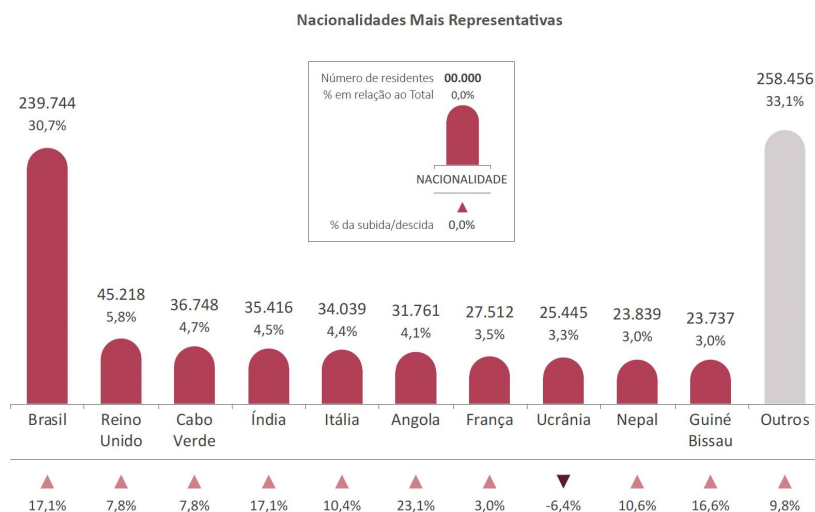


Figura 5 - Nacionalidades mais representativas em Portugal, em 2022. (Fonte: Relatório do SEF, 2022)

A nível da concessão do estatuto de refugiado, segundo o relatório do Alto Comissariado para as Migrações (ACM), “na União Europeia, em 2022, a nacionalidade com a maior taxa de reconhecimento a pedidos de proteção internacional foi a síria (94,2%), seguida da ucraniana (90,2%), dos nacionais da Eritreia (85,3%), do Afeganistão (85%), da Venezuela (76,3%), do Mali (72%) e da Somália (61,5%) (Site Rádio Renascença, 2023)

Apesar de Portugal não ser o um dos principais destinos de proteção internacional, este também viu aumentar o número de pedidos de asilo desde 2018. Segundo uma notícia divulgada pela Rádio Renascença, em 2023, o relatório de 2022 do Alto Comissariado para as Migrações (ACM) mostrava que “em 2022 Portugal foi o país da União Europeia a 27 (UE27) com maior importância relativa de concessões do estatuto de refugiado entre o total de decisões proferidas”, e que “dos 27,1 milhões de

refugiados no mundo, apurados pelo ACNUR em 2021, apenas 2,9 milhões (13,4%) estavam em países da União Europeia e, desses refugiados residentes na UE27, Portugal somente acolheu cerca de 2,7 mil, ou seja, 0,1% do total dos refugiados da UE27 (Site Rádio Renascença).

A figura seguinte analisa a evolução dos pedidos de asilo a Portugal, desde 2018 até 2022.

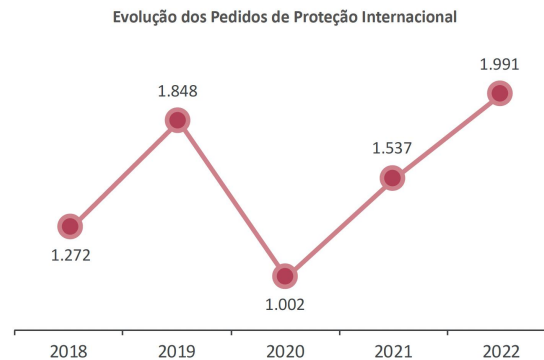


Figura 6 - Gráfico da evolução dos pedidos de asilo, desde 2018 a 2022. (Fonte: RIFA22)

Os recém-chegados vêm de vários países e há padrões claros tanto demográficos como de nacionalidades nos países de chegada. De acordo com o relatório do SEF (2022), no que diz respeito à idade e género dos requerentes de asilo, 74,9% dos pedidos foram apresentados por indivíduos do sexo masculino, e que, em termos de caracterização demográfica, o grupo etário situado entre os 19-39 representou 66,3% do total. É ainda necessário que 87,3% dos requerentes tinham menos de 40 anos de idade.

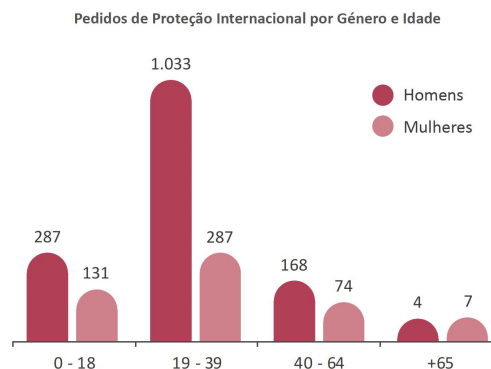


Figura 7 - Pedidos de asilo por género e idade em 2022. (Fonte: RIFA22)

Quanto às principais nacionalidades dos requerentes:

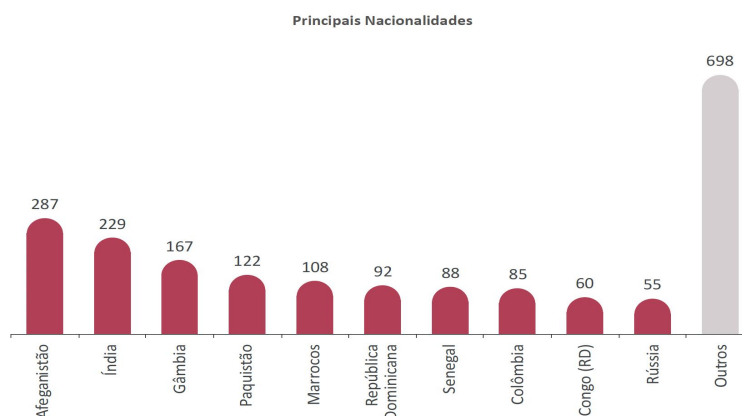


Figura 8 - Principais nacionalidades dos migrantes e requerentes de asilo em 2022. (Fonte: RIFA22)

- **Refugiados versus migrantes**

Neste contexto, importa salientar que, apesar da comunicação social utilizar ambos os termos sem qualquer distinção, juridicamente, as palavras “refugiado” e “migrante” possuem significados diferentes. “Os países tratam os migrantes de acordo com sua própria legislação e procedimentos em matéria de imigração, enquanto tratam os refugiados aplicando normas sobre refúgio e a proteção dos refugiados - definidas tanto em leis nacionais como no direito internacional” (Edwards, 2015). Apesar de migrante não ter uma definição específica, sabe-se que é um processo voluntário de alguém que procura melhores condições de vida. Por este motivo, devemos usar a expressão “refugiados e migrantes” quando nos referimos ao deslocamento de pessoas por mar ou em outras circunstâncias, onde acreditamos que ambos os grupos possam estar presentes” (Edwards, 2015).

- **O conceito de sem-abrigo**

A partir da análise dos gráficos anteriores sobre a população deslocada a nível internacional e o consequente aumento de migrantes e refugiados em Portugal, esta situação veio exercer uma pressão acrescida sobre a capacidade de resposta aos pedidos legalização. De acordo com a psicóloga Marta, da associação Cruz Vermelha, que colabora em determinados casos com a AIMA, “o serviço deles está neste momento, com um elevado número de pedidos, e tem sido difícil conseguirem dar resposta a todas as questões” (Entrevista Cruz Vermelha 2024, Anexos).

No caso específico do Polo de Leiria da Cruz Vermelha, que tem a capacidade de albergar cerca de 150 residentes, “todos são homens, maioritariamente refugiados. Recebemos também pessoas que estejam em situação de emergência social, e daí poderá ser enquadrada a questão dos sem-abrigo. A nossa estrutura é apenas para receber migrantes, não temos ninguém português, portanto mostra a crise que estamos a passar com a elevada migração e quase de uma forma descontrolada.” (Entrevista Cruz Vermelha 2024, Anexos).

Desta forma, a ENIPSSA, para o período de 2017-2023, “considerou que a designação de “sem-abrigo” deveria ser alterada para “pessoa em situação de sem-abrigo”, uma vez que não se deve assumir o “sem-abrigo” como condição de vida de uma pessoa, mas sim como uma situação que poderá caracterizar uma determinada fase na vida de uma pessoa e que se deseja ser de transição na vida do indivíduo.” Assim, de forma resumida, considera-se uma pessoa em situação de sem-abrigo “aquela que, independentemente da sua nacionalidade, origem racial ou étnica, religião, idade, sexo, orientação sexual, condição socioeconómica e condição de saúde física e mental, se encontre:

- Sem teto, vivendo no espaço público, alojada em abrigo de emergência ou com paradeiro em local precário;

ou

- Sem casa, encontrando-se em alojamento temporário destinado para o efeito.” (Resolução do Conselho de Ministros no 107/2017, de 25 de julho, apud ENIPSSA, 2018)

No contexto da migração, um dos principais motivos que explica o aumento do número de casos de pessoas em situação de sem-abrigo é a espera pelos documentos para poderem ficar legais. De acordo com a entrevista à psicóloga Marta, a Cruz Vermelha já recebeu pessoas “que estão na rua, à frente do CLAIM, à espera de terem os seus documentos, e o que eles nos transmitem é que a maior dificuldade deles é conseguirem tornar-se legais em Portugal, ou seja, as burocracias e todo o processo de legalização em Portugal, a falta de rapidez na resposta” (Entrevista Cruz Vermelha 2024, Anexos).

Também de acordo com a comunicação social, são cada vez mais o número de relatos de casos de migrantes e refugiados em situação de sem-abrigo.

Um exemplo recente, data de Abril de 2024, que teve grande repercussão a nível nacional. Dezenas de requerentes de asilo, de diversas nacionalidades, encontravam-se acampados, perto de um balcão de atendimento da AIMA em tendas, sem perspectivas de conseguirem regularizar a sua situação.

De acordo com o Diário de Notícias, estes cidadãos só querem “um trabalho e uma vida melhor”. Atravessaram terra e mar em busca de um sonho na Europa e, agora, estão a sobreviver em tendas partilhadas por várias pessoas. “Um cidadão senegalês

está há dois meses a dormir numa pequena tenda com mais duas pessoas, protegidos por um cobertor encontrado no lixo partilhado por todos. O futuro do senegalês e dos demais é incerto: nem as autoridades de Portugal ainda sabem ao certo o que fazer.” (Amanda Lima, Abril 2024)



Figura 9 - Notícia sobre requerentes de asilo acampados em Lisboa, em Abril de 2024. (Fonte: <https://www.dn.pt/2225629398/com-destino-incerto-requerentes-de-asilo-lotam-jardim-em-lisboa/>)

No entanto, a notícia referida acima está entre um dos muitos inúmeros casos noticiados pela comunicação social, de migrantes e refugiados em situação de sem-abrigo em Portugal. Em resumo, de acordo com a análise feita anteriormente, na sua grande maioria, esta população encontra-se em situação de sem-abrigo uma vez que a espera por documentos é bastante demorada, e por vezes, verifica-se que alguns cidadãos não possuem passaporte, documento obrigatório para regularizarem a sua situação documental.



Figura 10 - Notícias sobre pessoas em situações de sem-abrigo, em Janeiro de 2023. (Fonte: <https://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/centenas-de-imigrantes-sem-abrigo-dormem-ha-meses-em-tendas-nas-ruas-da-grande-lisboa>)

Também o aumento das pessoas deslocadas a nível internacional, e a consequente entrada descontrolada desta população veio causar uma maior pressão nos órgãos que resolvem as questões documentais.

De acordo com a reportagem da CNN, A Última Fronteira, transmitida a 13 de março de 2023, “A guerra na Ucrânia revelou as verdadeiras políticas da Europa relativamente aos refugiados. Os ucranianos beneficiam automaticamente de proteção internacional. Para os outros, oriundos do Médio Oriente e do Norte de África, a realidade não podia ser mais diferente: ou morrem no mar ou esperam vários anos pelos procedimentos de asilo.” Muitos tornam-se entrem numa situação de sem-abrigo, sem um fim à vista, na esperança de conseguirem os documentos necessários para a sua legalização nos países onde se encontram.

A notícia “Imigrantes vivem em tendas debaixo do viaduto do Porto” no site da Sic Notícias, e datada de 2023, representada na figura 13, “cerca de 30 migrantes de Marrocos, Tunísia e Argélia, há vários meses fazem de tendas casa”. Testemunhos contam que estiveram na Europa e que vieram posteriormente para Portugal, com o objetivo de “estar legal, (...) trabalhar, ter o meu emprego aqui, para viver, como toda a gente.”

O número de pessoas em situação de sem-abrigo continuam a aumentar, e segundo a Comunidade da Vida e Paz (2023), houve um aumento de 25%, só na região de Lisboa (CVP, 2023).

Desta forma, pode-se concluir que, independentemente da causa que originou a sua deslocação, a principal preocupação e necessidade desta população é, segundo a psicóloga Marta “conseguirem tornar-se legais em Portugal” e só após esta questão ficar resolvida, “é que começam a aparecer aquilo que eles consideram as necessidades secundárias”, sendo estas o vestuário, o alojamento, o acesso a saúde, entre outras. (Entrevista Cruz Vermelha 2024, Anexos)

2.2. Design Social como resposta a um problema

2.2.1. O Papel Social do Design

“O objetivo primário do design para o mercado é criar produtos para venda. De modo contrário, o objetivo primordial do design social é a satisfação das necessidades humanas.” (Papanek, 1977)

De acordo com Pazmino, os problemas sociais fazem parte da realidade dos países não só em desenvolvimento, mas também nos países desenvolvidos, com ênfase nas áreas metropolitanas, e estes não devem ser ignorados, muito menos por um designer.

Desde a Revolução Industrial, em 1760, o paradigma de design dominante tem sido o de desenhar para o mercado; alternativas têm recebido pouca atenção. (MARGOLIN, pag.43).

Em 1972, Vitor Papanek, um desenhista industrial, chamava a atenção para o design que percebe e soluciona problemas reais da sociedade, através da publicação do seu polémico livro “Design for the Real World”. Papanek tentou mostrar um caminho alternativo: o desenvolvimento de um design não para o mercado e sim para o indivíduo, para a comunidade. “A principal função do designer é resolver problemas. Isto significa que o designer tem de se aperceber melhor do que os outros, dos problemas existentes. Muitas vezes, o designer “descobre” um problema cuja existência ninguém suspeitava antes, identifica-o e tenta resolvê-lo” (PAPANEK, 1977, pag.154). A única direção que faz sentido hoje em dia é a “do design orientado para as necessidades das pessoas e não para os seus caprichos, as suas necessidades criadas artificialmente” (PAPANEK, 1977, p.191).

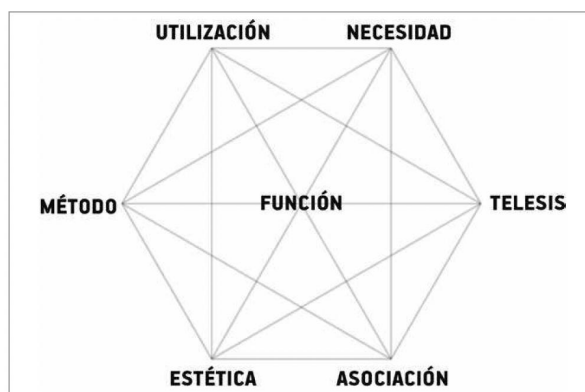


Figura 11 - O diagrama simples reproduzido acima mostra as ações e relações dinâmicas que constituem o complexo funcional. (Fonte: PAPANEK, 1977, p.31)

No tópico intitulado “Design Social”, Pazmino esclareceu que “design para a sociedade consiste em desenvolver produtos que atendam às necessidades reais específicas de cidadãos menos favorecidos, social, cultural e economicamente; assim como, algumas populações como pessoas de baixa-renda ou com necessidades especiais devido à idade, saúde ou inaptidão”. (PAZMINO, 2007, p.3)

Papanek também incentivava aos designers a passarem em países subdesenvolvidos aperfeiçoando produtos que realmente satisfazem as necessidades locais.

No contexto deste projeto, alguns domínios, considerados por Papanek, importantes, que são praticamente desconhecidos da disciplina do design industrial, para aplicação a nível social são:

1) Design para regiões empobrecidas:

Um exemplo de sucesso de design, identificado pelo desenhista Papanek no seu livro *Diseñar Para El Mundo Real: Ecologia Humana Y Cambio Social*, foi conseguido por um estudante que ganhou o primeiro prémio “(...) do Programa Alcoa Design Award por apresentar uma fonte de energia utilizável em países pobres (um dispositivo feito a partir de peças de bicicletas de alumínio novas).

Foi concebido um novo tipo de porta-bagagens que pode ser fixado aos milhões de bicicletas em todo o mundo. É simples e pode ser fabricado numa aldeia e pode suportar mais carga útil. Mas também é dobrável em 30 segundos e pode ser utilizado na sua capacidade primária para gerar eletricidade, regar, cortar árvores, acionar um guincho, perfurar poços, bombear petróleo, etc. Depois de utilizada desta forma, a bicicleta pode ser novamente dobrada e voltar à sua função principal como dispositivo de transporte.” Este é um objeto concebido no âmbito do design social, com ênfase na sua transformação, que resulta em várias funções, aplicáveis a diferentes cenários.

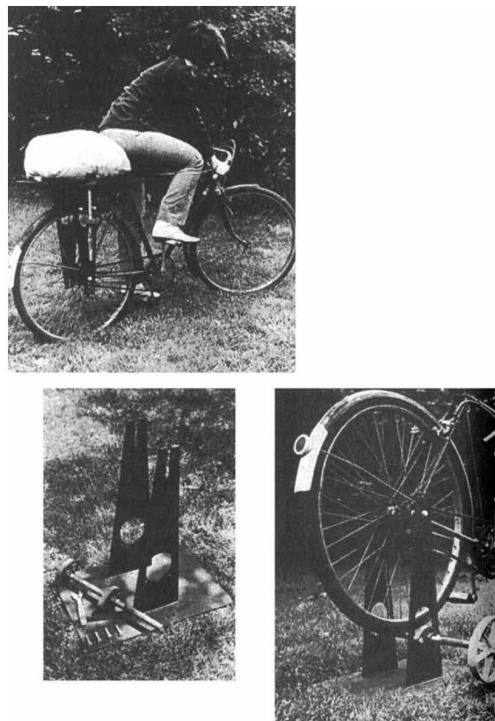


Figura 12 - Como as bicicletas são necessárias como meio de transporte nos países pobres, este porta-bagagens foi concebido para ser dobrado e utilizado como fonte temporária de energia quando necessário. A sua construção está ao alcance da tecnologia das aldeias mais modestas. Concebido por Michael Crotty e Jim Rothrock, estudantes da Universidade de Purdue. (Fonte: Papanek, 1977, p.196)

2) Conceção orgânica destinada a manter a vida humana em condições de incerteza.

A poluição da água e do ar, bem como o problema da nossa expansão urbana cada vez maior, exigem também uma reanálise da conceção orgânica do ambiente.

Segundo Pazmino, 2007 o design social deve ser socialmente benéfico e economicamente viável, como mostra a seguinte figura.

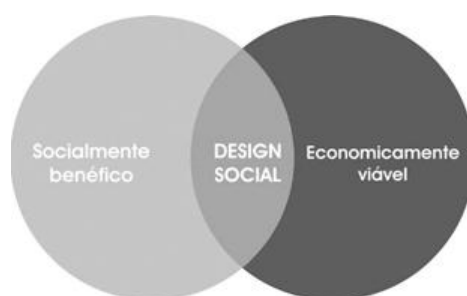


Figura 13 - Design Social (Fonte: Pazmino, 2007, p.3)

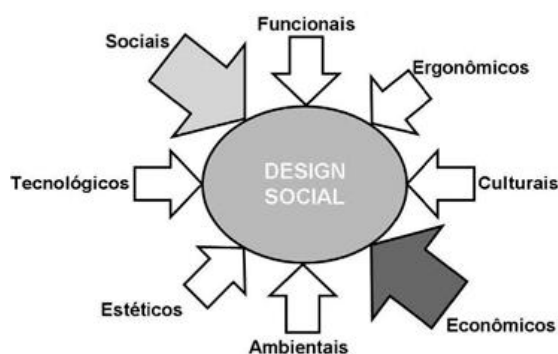


Figura 14 - Fatores do design social. (Fonte: Pazmino, 2007, p.4)

O design formal tem a inovação e a estética como seus valores principais, um design social exige do designer novas qualidades e maiores cuidados.

Ao criticar a economia de mercado, Papanek limita as opções para um designer social. Contudo, Victor e Sylvia Margolin propõem o “modelo de mercado” e o “modelo social” como “dois pólos de uma constante.” (MARGOLIN, p.44).

De acordo com Pazmino, no capítulo “Design Social”, do seu simpósio, de 2007, “uma das formas atualmente defendidas por pesquisadores é que o trabalho do

designer social não esteja afastado das comunidades e que seja um trabalho de consultoria voluntária ou subsidiada por governos, por ONG's e por empresas, nas mais variadas áreas de atuação.” A área de atuação do design social “é bastante promissora se considerarmos que a população carente é a que, mais cresce no mundo todo, segundo projeções de crescimento populacional.” (Pazmino, 2007, p.5)

Os professores Margolin acreditam que o trabalho do designer, com a colaboração de profissionais de outras áreas, como por exemplo da saúde, da educação, da assistência social, da geriatria, dentre outras áreas, resultará no desenvolvimento adequado de produtos que respeitam diferentes culturas e características das comunidades e populações marginalizadas, enquanto satisfazem também as suas necessidades reais.

Também no domínio do design de vestuário, “o designer industrial entrou pela porta das traseiras, criando luvas de trabalho descartáveis, botas de esqui, fatos espaciais, vestuário de proteção descartável, uniformes de campo e equipamento de mergulho. Assim, o fabrico de ferramentas, de abrigos, de vestuário, a preservação do ar respirável e da água potável são não só ocupação, mas também responsabilidade do designer industrial.” (PAPANÉK, pag.177)

2.2.2. Inovação Social no Sector da Moda

Um momento na história que nos mostra a fusão de moda com funcionalidade foi durante a Segunda Guerra Mundial. A partir de 1 de junho de 1941, o vestuário seria racionado na Grã-Bretanha. Este facto limitou a quantidade de roupa nova que as pessoas podiam comprar. O povo britânico tinha também outras preocupações, como os ataques aéreos amplamente esperados e a possível invasão alemã.

Tornou-se importante que o vestuário civil fosse prático e elegante. Os fabricantes de vestuário e acessórios aperceberam-se rapidamente do potencial comercial de alguns dos maiores perigos da guerra.

De acordo com o site IWM, com o início da guerra em setembro de 1939, mais de 40 milhões de respiradouros tinham sido distribuídos na Grã-Bretanha devido à ameaça potencial da guerra de gás. As pessoas eram aconselhadas a andar sempre com as suas máscaras de gás, distribuídas numa caixa de cartão, com um cordel enfiado, para poderem ser transportadas ao ombro. Os fabricantes foram rápidos a detetar uma lacuna no mercado para uma solução mais atrativa.

A mala de mão a seguir apresentada, tal como muitas outras produzidas especialmente para o efeito, tinha um compartimento para uma máscara de gás, aliando assim a estética com a funcionalidade.



Figura 15 - Respiradouro e suporte: respiradouro com uma máscara de borracha preta e um filtro de metal contidos na base de uma bolsa de senhora de couro preto. (Fonte: <https://www.iwm.org.uk/history/how-clothes-rationing-affected-fashion-in-the-second-world-war>)

Outra situação que se desencadeou pouco tempo antes de a guerra começar foi um apagão na Grã-Bretanha. Para dificultar a localização de alvos por parte de bombardeiros alemães. Toda a iluminação pública e quaisquer sinais luminosos, incluindo a luz dos veículos, foram extintos ou escurecidos. Segundo a informação do site IWM, esta situação levou a um aumento significativo de colisões e as pessoas foram aconselhadas a usarem roupa branca para se tornarem mais visíveis. De novo, os fabricantes viram uma oportunidade comercial nestes perigos. Assim, foram produzidos acessórios refletores, que tornavam os seus utilizadores mais visíveis. Estes acessórios incluíam desde flores com alfinetes a malas de mão, e ainda botões, apresentados a seguir, que se viam em condições normais e quando brilhavam no escuro.



Figura 16 - No lado esquerdo, os botões em condições luminosas. No lado direito, os botões em condições pouco luminosas. (Fonte: <https://www.iwm.org.uk/history/how-clothes-rationing-affected-fashion-in-the-second-world-war>)

Outro caso de inovação social no campo da moda foi conseguido pela estudante Angela Luna, em 2016. O design de moda tem vindo a percorrer um caminho de descoberta no que respeita à transformação de uma peça de vestuário em diferentes peças de roupa/objetos, adicionando-lhe outras funções.

Neste contexto, durante a sua licenciatura, a estudante da Parsons School of Design, Angela Luna, desenvolveu uma coleção de peças específicas depois de ver imagens de refugiados a dormir nos passeios, ler entrevistas e falar com agências humanitárias.

De acordo com o site Business Insider, Luna teve de identificar “os desafios mais proeminentes enfrentados pelos refugiados que poderia resolver através do design, como a necessidade de calor e proteção contra os elementos”. Luna aplicou então a sua investigação para desenvolver uma coleção de sete peças para o seu projeto de licenciatura em Design na Parsons.

A peça que se destacou na sua coleção foi um casaco que se transformava em tenda, para servir como abrigo a refugiados sírios.



Figura 17 - Casaco que se transforma em tenda, desenvolvido pela criadora Angela Luna para refugiados sírios, como abrigo. (Fonte: <https://www.businessinsider.com/angela-luna-designs-jackets-to-help-syrian-refugees-2016-7>)

O exemplo deste projeto pode ser considerado um caso de inovação social, visto que é uma iniciativa elaborada por iniciativa própria, conduzida por uma única pessoa e que pode ser replicada em outros lugares. Traz benefícios sociais, com a distribuição destas peças a pessoas que se encontram em situação de desalojamento e também benefícios económicos, por meio da arrecadação voluntária de fundos, que servirão para a continuação da produção destas peças, e a sua distribuição, conseguida através da colaboração com ONG's.

2.2.3. Design - O Vestuário Transformável

No seguimento do exemplo do projeto para refugiados sírios, mencionado no capítulo anterior, pretende-se entender de que forma o design de vestuário pode ser transformável, e ainda adquirir diferentes funções, que permitem responder a necessidades reais do seu público-alvo. Para isso, é necessário definir o conceito de transformável e identificar as formas de aplicação do mesmo no vestuário.

No livro *“The Supermodern Wardrobe”*, para Bolton (2002), o vestuário transformável apresenta-se inserido no contexto do design que tem como fim a procura de soluções com base nos princípios funcionais e utilitários deste mesmo, na abordagem à problemática da crescente complexidade da vida moderna e das necessidades criadas por novos estilos de vida.

Ao longo do século XX sempre existiu uma grande preocupação com a funcionalidade material do vestuário e a sua versatilidade, isto é, com as questões relacionadas com a proteção e com a comodidade da roupa. De acordo com Bolton (2002), estas características foram a força motriz do aparecimento do vestuário desportivo, que se baseia na funcionalidade e que ao mesmo tempo procura promover o conforto, a praticabilidade e a liberdade dos movimentos.

2.3.1. Definição de Vestuário Transformável

Transformar significa dar nova forma, converter ou metamorfosear. “Os indivíduos que vestem roupa transformável ou reversível fazem mais do que simplesmente colocar ou retirar camadas, eles transformam a leitura da peça” (BOLTON, 2002, p.29).

De acordo com o autor Quinn (2002), existem duas características essenciais sem as quais uma peça não pode ser considerada transformável. A primeira característica consiste em que o design da peça deve possuir pelo menos uma outra possibilidade de construção. A segunda característica refere que, depois de transformada, a peça deverá assumir novamente a sua forma original. Se estas duas características forem verificadas, estamos perante um design transformável. (QUINN, 2002, apud Körbes, 2019, p.2)

Para Quinn (2002), existem três tipos de transformáveis: peças reversíveis, peças com partes destacáveis e peças com modelagem multiuso. O primeiro tipo inclui roupas que se transformam unicamente pela reorganização da superfície. (QUINN, 2002, apud Körbes, 2019, p.3).

Alguns exemplos deste tipo de transformáveis são o vestuário reversível ou destacável, que possibilita transformar uma peça em duas.

De acordo com Quinn (2002), estes itens assumem duas ou mais maneiras de uso através de formas inovadoras de fixação dos seus componentes. (QUINN, 2002, apud Körbes, 2019, p.3). Peças como calças que são convertidas em calções, casacos que se transformam em coletes, entre outras, estão nesta categoria. Através do uso de diferentes elementos de junção, tais como, botões, fechos, velcro, ilhoses, ganchos, e outros aviamentos, tornam possível que o consumidor configure diferentes versões de um mesmo produto.

Por último, o terceiro tipo são peças que podem ser convertidas em objetos ou que podem ser reconfiguradas em múltiplos designs através de um sistema de módulos.

Segundo MARTINS (2022), o design modular configura-se através da construção de sistemas ou produtos por meio de pequenos subsistemas que podem ser desenvolvidos individualmente, mas que funcionam em um conjunto integrado, em que cada módulo representa uma unidade funcional. (MARTINS, 2022, p.5)

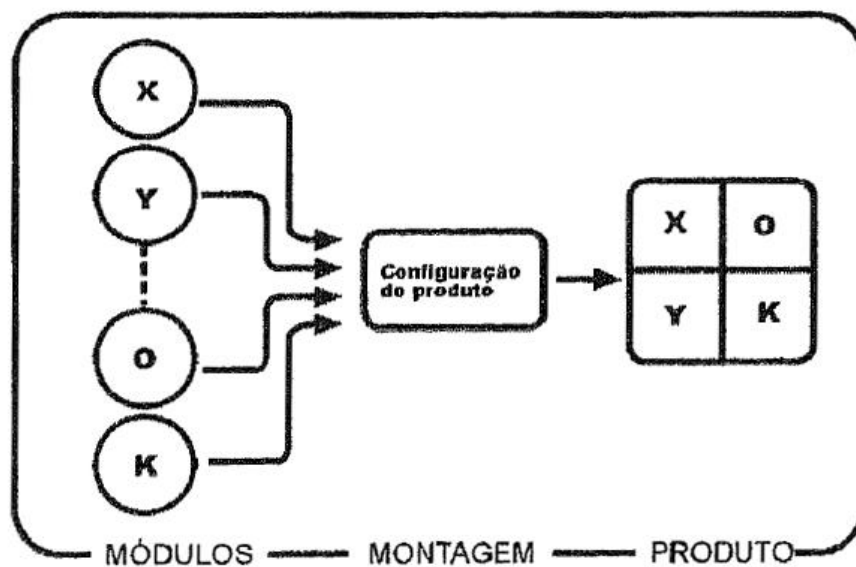


Figura 18 - Produção do produto modular. (Fonte: GRADY, 1999 apud MARTINS, 2022)

Quinn (2002) realça que o vestuário modular possui um valor acrescentado em relação aos outros transformáveis. Através de um sistema modular, o utilizador transforma ele próprio a peça ao mesmo tempo que adquire conhecimentos técnicos, que vão além da compra. Também a flexibilidade da construção modular permite ir ao encontro do estilo particular de cada indivíduo. Através da alteração da

organização dos módulos o consumidor pode criar diferentes designs. (QUINN , 2002 apud MACHADO, 2011).

Uma peça pode ser versátil ao ponto de várias pessoas se identificarem com ela de diferentes maneiras. Se a peça for capaz de se adaptar, não é preciso conceber uma coleção inteira para atender diferentes nichos de mercado com diferentes produtos. Peças transformáveis abrem a possibilidade para o usuário expressar-se criativamente, além de terem mais probabilidade de serem usadas em diferentes estações climáticas e diferentes períodos da vida. (KORBES, 2019, p.6)

Através desta pesquisa, é possível perceber que peças multifuncionais são aquelas que se transformam em elementos que expandem a função única da roupa, que é a de vestir. Por exemplo, roupas que se transformam em barracas, sacos de dormir, bolsas, mochilas e até mesmo em poltronas insufláveis. (QUINN, 2002, apud KORBES, 2019).

2.3.2. O Sistema Modular no Vestuário

Pode-se concluir, através do capítulo anterior, que o vestuário por módulos está inserido na tipologia do vestuário que se transforma.

Existem diferentes definições de sistema modular na área da moda. Enquanto que, para Bolton (2002), este sistema é baseado em unidades separadas, tais como a saia, as calças, a camisa, o casaco e o sobretudo, que podem ser ajustadas e montadas de acordo com as necessidades de cada indivíduo, (BOLTON, 2002, p.22), para o autor e jornalista QUINN, o vestuário modular define-se por um sistema de módulos que combinados devem constituir pelo menos uma peça que possa ser vestida. A peça também deve ter a possibilidade de ser alterada através da reorganização das suas partes ou através da combinação com outras partes (QUINN, 2002, apud MACHADO, 2011).

Para Bolton (2002) e para Quinn (2002), cada autor entende o conceito de sistema modular de forma diferente.

De forma a colmatar a problemática da definição do que pode ser considerado um módulo na área do design de moda, pode-se ter em conta a definição do mesmo no âmbito de outras áreas que foram precursoras na aplicação deste sistema e ponderar de que forma essas definições poderão complementar as definições apresentadas por Bolton (2002) e por Quinn (2002).

De modo resumindo, Ericsson e Erixon (1999) afirmam que, tanto no campo da arquitetura como no campo da engenharia, “(...) o pilar em que assenta a modularização consiste na repartição da complexidade da estrutura do produto em unidades mais pequenas, (...)”, e portanto, a ideia de módulo é definida como sendo

"(...) simplesmente uma unidade de construção com interfaces definidas." (ERICSSON e ERIXON, 1999, apud MACHADO, 2011, p.19, p.20),

Deste modo, constata-se que o mais relevante para a construção de um sistema modular assenta na articulação da plataforma. A preocupação na criação de um sistema modular para o desenvolvimento de um vestuário que ofereça um nível considerável de variações de design deverá assentar no desenho de uma plataforma bem definida onde, independentemente do que se possa considerar como a unidade mais pequena desse sistema, as interfaces dos módulos possuam um grau elevado de flexibilidade de construção. (MACHADO, 2011, p.20)

2.3.3. Casos de Estudo

O seguinte capítulo incidiu no estudo de dois designers que trabalharam o vestuário transformável através de construções modulares. A escolha dos designers e respetivos projetos descritos neste capítulo teve como base um critério essencial: o grau de transformação das soluções de vestuário. Ambos os casos de estudo apresentados neste capítulo possuem um carácter transformável, que oferecem mais do que uma possibilidade de design na mesma peça, quer essas mesmas se traduzam em variantes de peças de vestuário ou até mesmo na materialização de outros objetos.

- **C.P. Company**

De acordo com o site da marca C.P. Company, em 1971, Massimo Osti, o designer reconhecido internacionalmente como o "padrinho do vestuário desportivo", fundou a marca Chester Perry, rebatizada C.P. Company em 1978.



Figura 19 - Logotipo Chester Perry e primeiro logótipo da marca C.P. Company. (Fonte: <https://www.cpccompany.com/en-pt/>)

A marca ganhou imediatamente popularidade graças à sua interpretação anticonformista dos clássicos do guarda-roupa masculino funcional. Durante mais de 50 anos, a marca continuou a ser pioneira na sua hibridização característica de modelos militares, de trabalho e de vestuário desportivo, elaborando pesquisas com o objetivo de introduzir propriedades técnicas em tecidos, e assim melhorar a funcionalidade de cada peça.

Esta inovação em tecidos foi também reforçada pela utilização do tingimento de vestuário, uma técnica que a C.P. Company foi a primeira no mundo a desenvolver em meados dos anos 70, na qual as peças de vestuário depois de totalmente terminadas, feitas de vários tecidos e fibras, eram tingidas como passo final, produzindo vestuário com uma riqueza cromática única e uma subtileza de tom sobre tom.

A coleção outono/inverno 1982 foi um momento importante na história da C.P. Company. Inspirada num antigo uniforme da Polícia Motociclista Holandesa, Massimo Osti desenvolveu uma série de casacos modulares com mangas e golas removíveis, em diferentes combinações de malhas, couro e camurça. (Site Arquivo Digital C.P. Company)



Figura 20 - Lado esquerdo: Ilustração para revistas, por Antonio Lopes. Lado direito: Casaco inspirado no uniforme da Polícia Holandesa, na L'uomo Vogue. (Fonte: <https://archive.cpccompany.com/#U2FsdGVkX1+L5PacAYZxkN0X3xN0XE6y59lyn37wxQKxEq1sq9/tucUdZbPf02Z8XXADQ6vzeRz6Gj1WPBw=>)

Outro momento importante da marca C.P. Company foi a criação do Google Jacket, em 1987, após uma pesquisa detalhada sobre capas de proteção usadas pelo exército. As suas formas adotam a multifuncionalidade, cujos bolsos inteligentes podem ter inúmeras funções. Além disso, é adicionada uma lente à manga, na zona do punho, para permitir que o usuário consiga ver o relógio.



Figura 21 - Lado esquerdo: Edição “MILLE MIGLIA” do casaco com óculos de proteção. Lado direito: Edição de SS988 da Revista.
(Fonte: <https://archive.cpccompany.com/#U2FsdGVkX1+L5PacAYZxkN0X3xN0XE6y59lyn37wxQKxEq1sq9/tucUdZbPf02Z8XXADQ6vzeRz6Gj1WPBw=>)

Ainda em 1988, a marca muda de designer e Moreno Ferrari é designado o novo diretor criativo da C.P. Company.

Na obra *“The Supermodern Wardrobe”*, Bolton (2002) afirma que enquanto alguns criadores de vestuário respondem à múltipla funcionalidade dos espaços de transição incorporando o aparato tecnológico desses espaços, outros criam peças de vestuário que literalmente se transformam.

O criador inicia o novo milénio a desenvolver uma coleção, altamente conceptual, cujo nome é *“Transformables”*². De acordo com a informação presente no arquivo digital da marca C.P. Company, todas as peças, confeccionadas a partir de um tipo de nylon, ultraleve, impermeável e resistente ao vento, eram transformáveis, através de uma série de detalhes funcionais, os quais aumentavam a sua versatilidade. Esta coleção era composta por peças como por exemplo o *“Sleeping Bag Jacket”*³; o *“Tent Jacket”*⁴; o *“Kite”*; entre outras.



Figura 22 - Anúncio do “Tent Jacket” (Casaco - Tenda) da coleção “TRANFORMABLES” SS000. Um casaco comprido translúcido que também funciona como tenda.
(Fonte: <https://archive.cpccompany.com/#U2FsdGVkX1+L5PacAYZxkN0X3xN0XE6y59lyn37wxQKxEq1sq9/tucUdZbPf02Z8XXADQ6vzeRz6Gj1WPBw=>)



Figura 23 - Anúncio do “Kite” (Casaco-Papagaio) da coleção “Transformables” SS000. Através de velcros e fechos de correr, o casaco pode ser transformado num papagaio.
(Fonte: <https://archive.cpccompany.com/#U2FsdGvkX1+L5PacAYzxkN0X3xN0XE6y59lyn37wxQKxEq1sq9/tucUdZbPf02Z8XXADQ6vzeRz6Gj1WPBw=>)



Figura 24 - Anúncio do “Sleeping Bag - Jacket” (Saco-Cama) da coleção “Transformables” SS000. Pode ser aberto e dividido, transformando-se numa parka e num saco de ombro (Arquivo Digital C.P. Company - ARCHCP2240)

Na sua coleção de outono/inverno 2000-2001 "Urban Protection", a C.P. Company introduziu outra peça transformável intitulada "Amaca", um casaco com capuz verde-escuro que se transforma numa "cama-de-rede" quando fechado e os cordões são puxados (BOLTON, 2002, p.19).



Figura 25 - Casaco comprido que se transforma numa "cama-de-rede". (Fonte: BOLTON, "The Supermodern Wardrobe", 2002)

Da mesma forma, na sua coleção de primavera/verão 2001, a C.P. Company produziu um casaco insuflável em poliuretano azul brilhante que se transformava numa poltrona e um colete insuflável em PVC transparente que se transformava numa almofada. Todas as peças da gama são fornecidas com um compressor de ar. (BOLTON, 2002, p.19)



Figura 26 - Casaco insuflável impermeável, que se transforma numa poltrona. Tem botões magnéticos. (Fonte: BOLTON, "The Supermodern Wardrobe", 2002)

No entanto, BOLTON (2002) duvida que algumas das peças mais elaboradas que fazem parte da coleção "Transformables" sejam de facto peças de vestuário funcionais. "A capa que se transforma num papagaio e o casaco que se transforma num cadeirão quase transgridem a versatilidade para se tornarem em vestuário conceptual não funcional." (BOLTON, 2002, p.19)

No entanto, nos últimos 50 anos, é inegável a influência que a linha "Transformables" teve no design de casacos, através de invenções técnicas que estão por trás do sucesso destas peças, tornando-se a coleção central da marca.

- **ROYAL COLLEGE OF ARTS - *Syrian Refugee Wearable Shelter***

Um grupo de estudantes mistos, dos cursos de design de interiores e de têxteis do Royal College of Art de Londres, decidiram desenvolver um protótipo de um casaco que se transforma numa tenda como resposta ao desalojamento de refugiados.

De acordo com o site Dezeen, o casaco que tem como funcionalidade providenciar abrigo, é fabricado em Tyvek, um material sintético semelhante ao papel, e isolado com Mylar - um material de poliéster normalmente utilizado pelos corredores de maratona para se manterem quentes.

Harriet Harris, uma das responsáveis pelo projeto afirma que "O nosso vestuário tem três fases de utilização: uma como peça de roupa, outra como saco-cama e outra como tenda." (Site DEZEEN, 27 de janeiro de 2016)

Quando usado como um casaco, o design assemelha-se a uma parka larga com um grande capuz.



Figura 27 - Utilização do artigo como peça de roupa. (Fonte:<https://www.dezeen.com/2016/01/27/royal-college-of-art-students-wearable-coat-tent-dwelling-syrian-refugees/>)

Os bolsos no interior podem ser utilizados para guardar passaportes e documentos pessoais.



Figura 28 - Utilização do artigo como peça de roupa, com bolsos para guardar pertences pessoais.
(Fonte: <https://www.dezeen.com/2016/01/27/royal-college-of-art-students-wearable-coat-tent-dwelling-syrian-refugees/>)

Outra forma de utilizar o casaco é como saco-cama. De acordo com as instruções de montagem, descritas pelos membros do projeto, e divulgadas no site Business Insider, os fechos pretos permitem que o casaco seja completamente aberto, ao abrir o lado do capuz e ao fechar a parte de baixo, (com o capuz como peça triangular para descansar a cabeça).



Figura 29 - Utilização do artigo como saco-cama. (Fonte: <https://www.dezeen.com/2016/01/27/royal-college-of-art-students-wearable-coat-tent-dwelling-syrian-refugees/>)

Por fim, para o transformar numa tenda, é enchida uma estrutura insuflável com ar, soprando através de um bocal que se encontra na peça, o que lhe confere uma estrutura rígida. "O protótipo original utilizava varas para o sustentar como tenda, mas a utilização de ar significa que o utilizador não precisa de levar nada extra." (Fonte: Business Insider, 1 de novembro de 2016)



Figura 30 - Utilização do artigo como tenda. (Fonte:<https://www.dezeen.com/2016/01/27/royal-college-of-art-students-wearable-coat-tent-dwelling-syrian-refugees/>)

Em 2016, através da plataforma de angariação de fundos, a Kickstarter, angariou aproximadamente \$13,000, de acordo com o site Business Insider. A equipa afirma que o seu fabrico em grande escala seria pouco dispendioso e espera um dia oferecer gratuitamente abrigos vestíveis a pessoas deslocadas, através de instituições de caridade. Caso contrário, cada um custaria entre 16 e 22 dólares.

Embora a peça tenha sido originalmente desenvolvida para quem está a fugir de uma crise, de acordo com um dos criadores do projeto, Grey, citado no site Business Insider, campistas e aventureiros ao ar livre também podem achar esta peça de vestuário útil, uma vez que se pode adaptar facilmente às necessidades do utilizador.

Mobilidade e Abrigo

O uso de vestuário apropriado é essencial. De acordo com MUSTAPHA 2017, a combinação de fatores como o clima, a tecnologia, a cultura e costumes, bem como a partilha de conhecimentos e experiências individuais contribuem para a criação de peças de vestuário adaptadas a diferentes situações.

Desta forma, esta investigação centra-se na recolha de informações necessárias para o desenvolvimento de um casaco de exterior, com objetivos multifuncionais. Esta pesquisa também pretende ajudar a identificar as diferentes técnicas utilizadas

no design e quais os materiais aplicados (tecidos, aviamentos), necessárias para responder aos principais objetivos do casaco – a multifuncionalidade e a versatilidade.

Multifunções significa algo que serve mais do que um objetivo (Row, Paul & Fernie, 2004, apud Mustapha, 2017). Os casacos, neste projeto, serão multifuncionais, o que significa que serão impermeáveis, resistentes ao vento, flexíveis, ajustáveis e que poderão ou não, de acordo com o criador, seguir as tendências de moda. São também desenvolvidos para criar uma sensação de abrigo, proteção e conforto ao utilizador.

As características de resistência às intempéries, através da utilização de tecidos à prova de vento, a aplicação de tratamentos de impermeabilização, palas para proteger os bolsos e, capuzes com viseiras ou palas, são todas desejáveis quando se trata de manter o utilizador protegido dos elementos. Também os tecidos respiráveis e as aberturas de ventilação incorporadas nas costas e debaixo dos braços permitem a saída da humidade, mantendo o utilizador seco e confortável. Igualmente importante é a necessidade dos casacos terem muitos bolsos, para que seja possível poder guardar os objetos pessoais/essenciais. (Mustapha, 2017)

No seguimento da pesquisa, foi possível realizar um levantamento de dados sobre as características dos aviamentos, usados na indústria do vestuário, e os seus variados tipos e funções, que devem ser considerados num casaco de exterior, para fins multifuncionais.

2.4. Materiais e Aviamentos

De acordo com Moesch, os aviamentos são componentes importantes e capazes de influenciar a usabilidade das peças de vestuário, sendo definidos como elementos utilizados para prender, arrematar, perpassar e adornar.

“É tudo aquilo que vai à roupa, ficando nela permanente, podendo ser aparente ou interno à roupa, exercendo função de componente e ou decorativo, sendo costurados e/ou aplicados” (SENAI, 2014, apud MOESCH, 2023, p.30).

Estes dispositivos podem auxiliar o abrir e fechar das peças de roupa, facilitando o vestir e despir, influenciando a usabilidade e a possível reorganização da superfície do produto.

De seguida, é apresentada a classificação dos aviamentos de acordo com a sua utilização, sendo básica, decorativa, de sustentação e funcionais (Marteli et al., 2017, apud MOESCH, 2023, p.31).




Quadro 1: Classificação dos aviamentos. Fonte: Marteli *et al.* (2017), apud Moesch, 2023, p.31




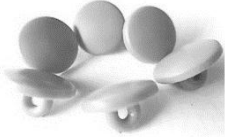
<p>Aviamentos como componentes básicos</p>	<p>São do tipo fio e linha para pregar a costura nas partes de tecido que compõem o modelo proposto da peça.</p>
<p>Aviamentos como componentes decorativos</p>	<p>São acabamentos do tipo bordados, fitas, rendas, lantejoulas e outros que possuem teor estético e funcionam como acessórios decorativos.</p>
<p>Aviamentos de sustentação</p>	<p>Abrangem os bojos, ombreiras, enchimentos, entretelas e barbatanas, contribuem para a modelagem e a configuração da peça sobre o corpo, promovendo o caimento e o volume do modelo de veste.</p>
<p>Aviamentos funcionais</p>	<p>Inclui os botões, fechos de correr, cordões, elásticos, velcros, colchetes, ganchos, fivelas e outros. Possuem caráter funcional e geralmente servem como complemento à peça ou como recurso para a execução do abrir e fechar, auxiliando no vestir e despir.</p>

No contexto deste projeto, faz sentido abordar os aviamentos funcionais de forma mais detalhada, uma vez que são estes que podem influenciar na funcionalidade e versatilidade de uma peça de roupa.

Quadro 2: Aviamentos funcionais e as suas funções.

FUNCIONAIS	
FECHO DE CORRER	<p>O fecho de correr é um tipo de aviamento de fecho feito de plástico ou metal, que se une completamente pela cremalheira (dentes) por meio de um cursor e está presente em roupas do tipo calças, bermudas, saias, vestidos e casacos. Pode ser localizado tanto nas laterais do corpo quanto no centro, frente e costas. Os fechos de correr geralmente são classificados como invisíveis e visíveis, e podem ser encontrados de várias proporções (quanto à largura e altura), porém há mais características distintas nesse aviamento (COLE; CZACHOR, 2009).</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">   </div> <p style="text-align: center;">Fig.x: Fechos de correr. (Fonte: Blog Patrícia da Costura)</p>
BOTÃO	<p>O botão pode apresentar diversas formas e materiais, entretanto, é encontrado com mais frequência em plástico e metal. Sua estrutura se une por meio de uma casa ou por pressão, magnetismo e alternância. Está presente em roupas do tipo calças, calções, saias, vestidos, casacos, blusas e camisas, sendo localizado com mais frequência no centro, na frente do corpo, sobre as linhas do busto. Podem apresentar formas circulares, ovais, convexas, quadradas e retangulares, com textura ou lisos; podem também conter furos no centro e casas costuradas na vertical ou horizontal (COLE; CZACHOR, 2009).</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>Fig.x: Botão jeans. pressão. (Fonte: Site Sepol)</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Fig.x: Botão com furos. (Fonte: Site Sepol)</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Fig.x: Botão de (Fonte: Site Sepol)</p> </div> </div>

<p>CORDÕES</p>	<p>Podem ter uso decorativo ou funcional para ajustar a roupa. São oferecidos em diversos modelos, composições e espessuras.</p>  <p>Fonte: Blog Patrícia da Costura</p>
<p>VELCRO</p>	<p>O velcro tem a função de fechar as peças, sendo aplicado em locais de abertura, nos mais variados tipos de roupas, sendo encontrado também por metro ou rolo.</p>  <p>Fonte: Blog Patrícia da Costura</p>
<p>COLCHETE DE GANCHO</p>	<p>A aplicação deste aviamento é feita à mão e tem a função de fechar uma abertura. É composto por duas peças, macho e fêmea.</p>  <p>Fonte: Blog Patrícia da Costura</p>

COLCHETE DE PRESSÃO	<p>Tem a função de fechar uma abertura. É semelhante aos botões de pressão, mas é costurado à mão. É composto por duas peças, macho e fêmea.</p>  <p>Fonte: Blog Patrícia da Costura</p>
REBITES	<p>São peças metálicas usadas para reforçar a durabilidade das peças, nos pontos de stress das peças de roupa, expostas a maior desgaste, nomeadamente nos bolsos de calças de ganga e também em peças desportivas.</p>  <p>Fonte: Site Nossa Uol</p>
ILHOSES	<p>São pequenos círculos de metal aplicados aos tecidos, por pressão. São usados para passar cordões, cadarços e fitas, ou simplesmente como função decorativa. Para a sua aplicação é necessário o uso de matrizes que variam de acordo com o tamanho do ilhós.</p>  <p>Fonte: Blog Patrícia da Costura</p>
BOTÃO DE PÉS	<p>Este modelo de botão possui um tipo de argola na parte de baixo para que possa ser aplicado. Pode ser usado para fechar aberturas de roupas.</p>  <p>Fonte: Blog Patrícia da Costura</p>

Fonte: Adaptado pelo autor (2024).

Através desta pesquisa, pode-se concluir que são muitos os tipos de aviamentos funcionais que existem no mercado, e que para melhor resultado, devem ser selecionados de acordo com o tecido escolhido para a montagem da peça. “Por exemplo, para tecidos finos, com pouca ou sem elasticidade, os aviamentos devem ter a mesma característica; já para tecidos como lycra, jersey, malha, que têm muita elasticidade, são usados vieses, fitas, entre outros aviamentos com elasticidade. Já para tecidos finos, os aviamentos devem ter espessura fina e delicada” (OLIVEIRA, 2014, apud Moesch, 2023, p.40).

Têxteis funcionais

A indústria têxtil tem desenvolvido fibras e tecidos funcionais e inteligentes, com aplicação de tecnologias inovadoras que permitem respostas das fibras a estímulos específicos e variações de clima externos (MONTEIRO, 2014, apud Moesch, 2023, p.42). As principais características destes materiais têxteis que pretendem captar a atenção do consumidor, são a funcionalidade e a performance, e não tanto a sua estética, embora seja também um aspecto importante a ter em consideração pelo utilizador.

Neste sentido, foram pesquisados diferentes tipos de têxteis, com performances e características técnicas que permitem servir de abrigo aos elementos tais como a chuva, o frio e o vento. Estes devem ser tidos em conta para o correto desenvolvimento deste projeto, com os migrantes e refugiados em situação de sem-abrigo como público-alvo. Também características como a respirabilidade, os confortos térmicos, entre outras, devem estar presentes nos têxteis a serem considerados. Assim, são aplicados diferentes acabamentos aos tecidos, para melhorar a qualidade dos mesmos.

De acordo com o Blog Descalada, uma tecnologia bastante renomada e com um custo elevado é a Gore-Tex, “uma membrana que permite o seu corpo respirar mesmo sob uma superfície impermeável”. A característica principal do Gore-Tex é a sua impermeabilidade, e ao mesmo tempo, a sua respirabilidade, uma vez que, enquanto que o lado exterior do tecido é formado por “micro poros que são milhares de vezes menor que a de uma gota de água”, não deixando a mesma entrar, no lado interno do tecido, o vapor (suor) consegue sair, pois estes micro poros são maiores em relação às gotas de vapor.

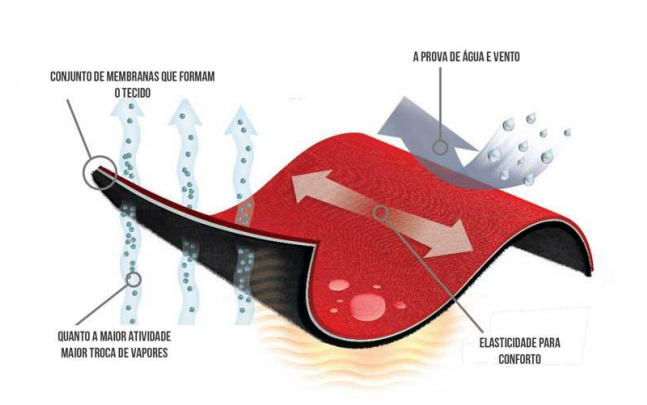


Figura 31 - Ilustração da membrana respirável e impermeável com tecnologia Gore-Tex. (Fonte: <https://blog.papasiri.com/o-que-e-e-para-que-serve-o-gore-tex/>)

Segundo informações no site da Gore-Tex, existem outros acabamentos, com diferentes aspetos técnicos, mas que, essencialmente, todos respondem com a impermeabilidade e a transpirabilidade como características da membrana.

Contudo, devido ao seu elevado custo, existe outra alternativa, mais barata. Segundo o site Sympatex, esta membrana é ligada a tecidos de revestimento e forro de poliéster para formar um laminado. A ligação a uma variedade de materiais de suporte é possível para a aplicação da membrana em diferentes produtos. Apenas a utilização de uma fita adaptada ao laminado torna o produto final impermeável e um têxtil funcional de alto desempenho.”

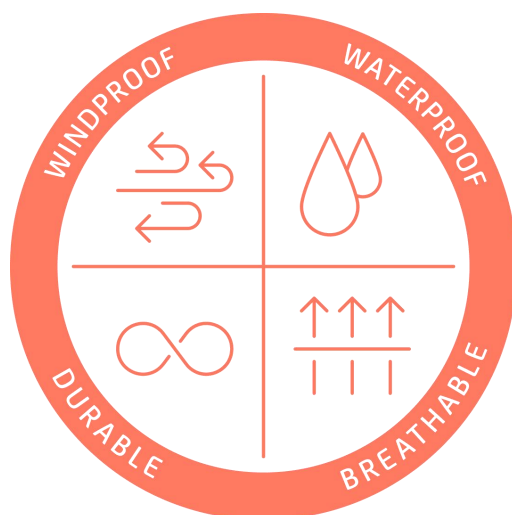


Figura 32 - Representação gráfica das características da membrana Sympatex, que são: à prova de vento, à prova de água, durável e respirável. (Fonte: <https://www.sympatex.com/en/membran/>)

Para além da possibilidade do cliente poder adicionar o acabamento desejado ao tecido escolhido, existem atualmente no mercado, dezenas de têxteis que já possuem estas características, sem a necessidade de haver colocar um acabamento posterior.

Através desta pesquisa, pude perceber que um dos principais tecidos que possui estes aspetos técnicos, e que é utilizado com maior regularidade, em peças de vestuário para Inverno, é o Nylon, que pode ter diferentes gramagens e ser constituído por vezes, por fibras que conferem diferentes toques e conforto ao utilizador.

Segue, em seguida, uma breve análise aos exemplos de peças de vestuário para usar em climas frios de forma a perceber quais são as características/tecidos utilizados neste contexto, da marca North Face, a qual é conhecida pelos seus produtos de alto desempenho, através da aplicação da tecnologia Gore-Tex.

Esta pesquisa servirá para futura referência na escolha de tecidos para o desenvolvimento do projeto.



Figura 33 - Casaco acolchoado com isolamento. (Fonte: Site da marca North Face)

As características deste casaco são, conforme descritas no site da marca North Face, as seguintes:

- **Tecido Nylon Reciclado Com Acabamento Hidrorrepelente Duradouro:** Gore-Tex
- **Tecido corpo abaixo da inserção:** 38 G/M², 100% nylon reciclado com acabamento hidrorrepelente duradouro / Tecido Anti rasgões
- **Isolamento sintético:** 100% poliéster De 350 grs no corpo, 300 grs nas mangas;

- **Tecido** - Inserção, Painéis Das Mangas E Carcelas Dos Bolsos Para As Mãos - 110 G/M², WindWall®;
- **YKK® AquaGuard®** - fechos à prova de água;
- **Forro** - 69 G/M², 100% Tafetá De Nylon Reciclado Com Acabamento Hidrorrepelente Duradouro.

Conforme descrito pela marca, os tecidos WindWall™ “foram concebidos para reduzir significativamente os efeitos do arrefecimento provocado pelo vento, proporcionando simultaneamente a flexibilidade e a respirabilidade necessárias para se manter confortável sem sobreaquecer. Os produtos WindWall™ soft shell são concebidos em opções totalmente à prova de vento e resistentes ao vento.)

Outro exemplo de peça de roupa utilizada especificamente quando estão temperaturas mais baixas, da marca North Face, são as calças. Existem vários modelos, mas tomemos como referência a seguinte peça:



Figura 34 - Calças com tecido sobreposto anti-rasgões, da marca North Face. (Fonte: Site da marca North Face)

As características desta peça de roupa, conforme descritas no site da marca North Face, são as seguintes:

- **Tecido - Corpo** : 255 G/M², 100% Poliéster reciclado;
- **Tecido - Sobreposição**: 275 G/M², 100% Nylon reciclado com acabamento hidrorrepelente duradouro

Na análise dos produtos da marca, apesar de serem aqui colocados apenas dois exemplos, de forma sucinta, deparei que as peças de vestuário desenvolvidas pela marca, com vista a serem utilizadas em ambientes com temperaturas mais baixas, são, constituídas no geral, por tecidos com características técnicas semelhantes, diferindo por vezes no tipo de fibra utilizada, sendo umas vezes, poliéster e outras vezes tafetá

(ex: forro); ou ainda, no tipo de enchimento utilizado, que também por vezes a sua composição é 100% sintética, e outras vezes, é utilizada penugem de ganso, “que funciona melhor em condições secas e não molhadas” (Site North Face).

Contudo, a permeabilidade, a transpirabilidade, a proteção contra o vento e o conforto térmico dos tecidos deste vestuário são sempre questões que procuram ser respondidas por esta marca conceituada.

Relativamente às malhas polares, a **Polartec** destaca-se neste campo, apostando no desenvolvimento de “diversos tecidos tecnológicos que visam responder às mais diversas condições climáticas” (Site da Polartec).

Durante a pesquisa no site da Polartec, destacou-se uma tecnologia aplicada em tecidos, que os torna nos mais respiráveis do mundo.

Desenvolvida com vista a ser utilizada para vestuário exterior, a tecnologia Polartec® NeoShell®, de acordo com o site, resulta no “(...) tecido impermeável mais respirável do mundo. Ao conceber a colocação e o tamanho ideais dos poros, o NeoShell® liberta o calor e a transpiração sem acumulação de pressão elevada. A troca de ar contínua melhora a termorregulação natural, ao mesmo tempo que proporciona a proteção necessária contra todos os elementos exteriores” (Site Polartec).

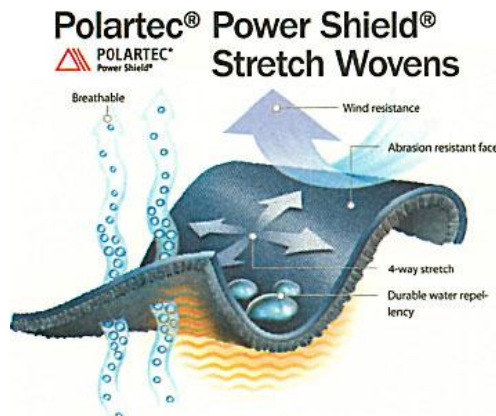


Figura 35 - Ilustração do tecido com a tecnologia Polartec® NeoShell®, respirável, à prova de vento, repelente de água, resistente à abrasão e com elasticidade nas 4 direções. (Fonte: <https://www.polartec.com/power-shield-rpm>).

Em suma, tecidos como o nylon, malhas polares, enchimentos sintéticos ou com penugem de ganso, e ainda tecidos anti rasgões, com diferentes acabamentos, são os têxteis mais utilizados para a confecção de vestuário a ser utilizado em temperaturas mais baixas. Contudo, a partir da análise do mercado concorrente deste projeto, será também possível perceber quais os têxteis utilizados e os seus objetivos, de acordo com o propósito de cada produto, reunindo desta forma, mais informação para um desenvolvimento correto dos produtos, e que vão de encontro às necessidades do utilizador.

2.5. Psicologia e Simbologia da Cor

Numa primeira fase do projeto, também a pesquisa sobre a cor é importante, uma vez que, de acordo com a autora Heller, as cores possuem vários significados que podem influenciar o nosso estado psicológico.

Desta forma, e tendo em conta as diversas dificuldades que migrantes e refugiados em situação de sem-abrigo têm que lidar no seu quotidiano, abordadas no sub capítulo 2.1, através da utilização estratégica de determinadas cores, e aplicadas no vestuário, estas poderão influenciar a emoção do utilizador de forma positiva.

A pesquisa das cores e dos seus significados é baseada na obra da autora Eva Heller, a qual, para preparar este livro, consultou “2 mil homens e mulheres com idades entre os 14 e os 97 anos na Alemanha, e que conseguiram relacionar as cores com sentimentos e qualidades” (Heller, 2013, p.11).

Os resultados das pesquisas demonstram que cores e sentimentos “não se combinam ao acaso nem são uma questão de gosto individual – são vivências comuns que, desde a infância, foram ficando profundamente enraizadas na nossa linguagem e no nosso pensamento” (Heller, 2013, p.22).

Dentre as 13 cores tratadas no livro de Heller, e as impressões psicológicas causadas pelas mesmas, destacam-se para este projeto:

- O **azul**, considerado a cor da simpatia e da harmonia, pois “azul é o céu – portanto azul é também a cor do divino, a cor eterna. (...) a cor que pertence a todos, a cor que queremos que permaneça sempre imutável para todos” (Heller, 2013, p.48) e “é a cor ideal para a paz” (Heller, 2013, p.91).
- O **amarelo**, considerado a cor da recreação, da jovialidade e do otimismo. De acordo com o estudo realizado por Heller (2013), a experiência mais elementar que temos do amarelo é o sol. Esta experiência é compartilhada por todos como efeito simbólico: como cor do sol, o amarelo age de modo alegre e revigorante.
- O **verde**, como cor da esperança, da vida e da saúde. O verde significa esperança pois “está aparentada com a experiência da primavera. A primavera significa renovação após um tempo de escassez. Também a esperança é um sentimento de que os tempos de privação estão ficando para trás”; significa vida uma vez que “é o símbolo da vida em seu mais amplo sentido – não só com relação à humanidade, mas a tudo que cresce”; e por fim, significa saúde (Heller, 2013, p.203).
- O **preto**, considerado a cor da elegância, e a cor preferida por pessoas mais jovem. De acordo com Heller (2013), quanto mais idade se tem, menos se aprecia o preto.

Também para comprovar a importância da cor para este projeto social, a psicóloga Marta foi questionada em relação a se a cor poderia ser um aspecto importante a ter em consideração no desenvolvimento destes produtos, e se sim, que cores destacaria.

A estas perguntas respondeu afirmativamente, dando como exemplo um senhor do Nepal, que “quando chegou, não tinha muita roupa e nós proporcionámos-lhe mais roupa, e ele só me dizia: “Todas as cores menos o preto.” Ele recusa vestir preto, porque lhe lembra coisas tristes, e por isso não veste” (Entrevista Cruz Vermelha 2024, Anexos), o que vem comprovar que as cores estão também associadas às vivências pessoais, apesar de por vezes as cores terem significados mais positivos.

Contudo, para efeitos de desenvolvimento do projeto, irei considerar os dados descritos ao longo do livro elaborado pela autora Eva Heller (2013).

3. Desenvolvimento e Conceptualização do Projeto

3.1. Projeto “Design To Live”

3.1.1. Público-Alvo



Figura 36- Painel Público-Alvo. (Fonte própria)

Antes de iniciar o processo de desenvolvimento de uma coleção, é necessário considerar o perfil do consumidor.

Na segmentação de mercado proposta por Treptow (2003, p.50), os critérios de avaliação são classificados em quatro categorias: localização geográfica “que considera a região física onde o público-alvo habita e abrange também, informações acerca do clima e da variação das estações; demográfica, que direciona a análise de acordo com variáveis como idade, sexo, tipo físico e etc.; psicográfica, que faz a análise do estilo de vida, classe social e características de personalidade; e por último, a categoria comportamental, que refere-se ao uso que o consumidor dá ao produto, e também aos benefícios procurados num produto.”

Além da segmentação clássica, Pires (2000) aponta outra divisão com as suas respetivas percentagens:

“Tradicional (60%): Valoriza a praticidade, o conforto, e o preço justo. (...) motivado pela necessidade (...).

Fashion (30%): Valoriza a moda, as etiquetas, a juventude; gosta do consumo em geral; é socialmente ativo; julga-se sensual e atraente; aceita novidades com facilidade; procura estar em forma.

Vanguarda (10%): Adota moda própria, valoriza estilos, novidades, peças coordenadas de forma insólita. Não é fiel às etiquetas. São pessoas criativas, sem medo de críticas.” (Pires, 2000 apud Treptow, 2003, p.51)

- **Segmentação Geográfica**

Os homens e mulheres pertencentes a este público-alvo estão alocados, principalmente, segundo os dados apurados pela ENIPSSA, divulgados pelo site SIC NOTÍCIAS, nas áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto. Segundo o coordenador da ENIPSSA, "observa-se que estes territórios concentram 56% do valor total de pessoas em situação de sem-abrigo". Nestes números, encontram-se migrantes e refugiados.

De acordo com informações divulgadas no site Expresso, a Comunidade da Vida e Paz afirma que, em 2024, o número de pessoas em situação de sem-abrigo aumentou cerca de 25%, sendo acompanhadas diariamente por esta instituição, aproximadamente 530 pessoas diariamente. “O crescimento é visível sobretudo em zonas como o Oriente, o Rossio, a Avenida Almirante Reis e a Avenida de Ceuta, tendo também o número de imigrantes ganhado uma expressão neste aumento” (Site Expresso, Abril de 2024).

Outra notícia, que merece a nossa atenção, mostra que, no distrito de Leiria, o objetivo deste estudo, e de acordo com o site Observador, à data de 16 de fevereiro de 2024, mais de trinta requerentes de asilo estavam em risco de dormir na rua nas Caldas da Rainha. A agência, a AIMA, responsável pelo seu acolhimento, “em virtude da saturação súbita das unidades de acolhimento, designadamente das do CPR¹”, não conseguiu arranjar uma solução.

Ainda, segundo o Jornal de Leiria, a vereadora Ana Valentim afirma que “a maioria das pessoas que estão a residir em Leiria em situação de sem-abrigo são itinerantes. (...) no concelho existem cerca de 20 pessoas em situação de sem-abrigo” (Site Jornal de Leiria, janeiro de 2024).

De acordo com a entrevistada do Polo de Leiria da Cruz Vermelha, o trabalho desta instituição passa por auxiliar na legalização desta população, em parceria com a AIMA, “o que nem sempre é fácil, porque o serviço está neste momento, com um elevado número de pedidos, e tem sido difícil conseguirem dar resposta a todas as questões” (Entrevista Cruz Vermelha, Anexos), resultando no prolongamento da situação de sem-abrigo.

Em suma, o número de pessoas que dorme sem um teto, e sem acesso a sem direitos básicos como educação, saúde, emprego e liberdade de circulação, concentra-se sobretudo nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto. Contudo, com o crescimento súbito da migração e com o aumento do número de pedidos de asilo, existem pessoas nesta situação um pouco por todo o país, à espera de regularizar a sua situação documental e da sua conseqüente integração no seu novo país.



Figura 37 - Gare do Oriente, onde vivem mais de 30 pessoas em situação de sem-abrigo.
(Fonte:<https://rr.sapo.pt/noticia/pais/2023/12/20/sem-abrigo-ha-muita-gente-que-sai-daqui-para-o-seu-local-de-trabalho/359680/>)

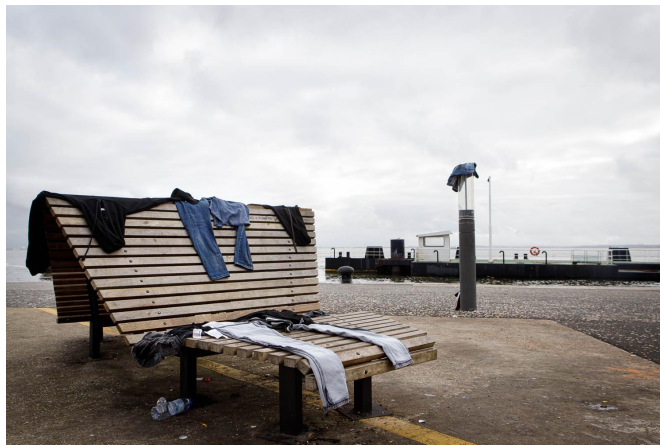


Figura 38 - O Cais Fluvial, onde dormiam migrantes timorenses. (Fonte:<https://amensagem.pt/2023/01/11/jovens-timorenses-lisboa-portugal-timor-lutam-nif-teto-casa-trabalho/>)

- **Segmentação Demográfica**

Segundo dados oficiais mais recentes, divulgados pela ENIPSSA, no site SIC NOTÍCIAS, “o perfil da pessoa em situação de sem-abrigo não sofreu alteração, mantendo-se, genericamente, o género masculino, em idade ativa acima dos 45 anos e “com várias problemáticas associadas”. Tal como foi referido no subcapítulo 2.1, as

principais nacionalidades dos migrantes e refugiados em situação de sem-abrigo são, segundo o gráfico observado a seguir, as seguintes:

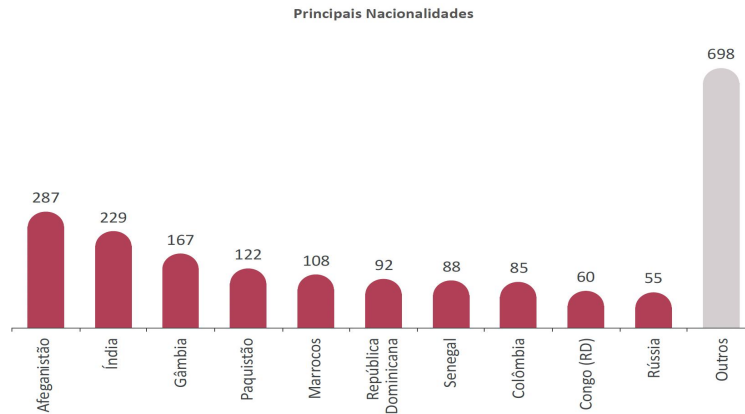


Figura 39 - Principais nacionalidades dos migrantes e requerentes de asilo em 2022. (Fonte: RIFA22)

Num projeto conduzido pela Comunidade de Vida e Paz, em 2023, o qual visa proporcionar “um espaço transitório de alojamento, que promove o desenvolvimento da autonomia e competências sociais e emocionais” (CVP, 2023) foram abrangidos 79 pessoas, as quais, segundo apuramento de dados, a maioria é de nacionalidade portuguesa, contudo existem também outras nacionalidades incluídas.

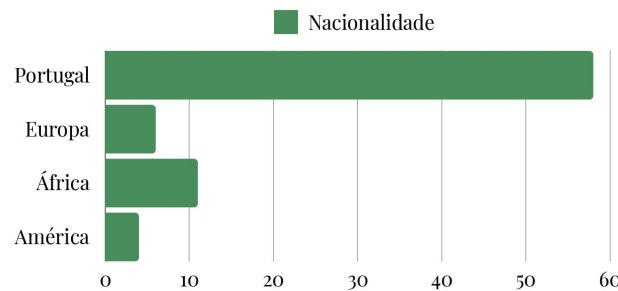


Figura 40 - Nacionalidades do grupo de 79 pessoas integradas no projeto de alojamento da Comunidade de Vida e Paz. (Fonte: Relatório CVP, 2023)

De forma geral, estas pessoas não possuem rendimentos ou encontram-se a receber uma pequena ajuda financeira, caso sejam aptos, por parte da Segurança Social, pelo que vivem em condições precárias.

A língua portuguesa é uma barreira linguística, pelo que é de extrema importância, o acesso à educação, o mais urgentemente possível. O facto de não dominarem a língua portuguesa levará a que seja praticamente impossível tornarem-se independentes.

Segundo o mais recente relatório do Observatório das Migrações, divulgado pelo jornal EXPRESSO, “a maioria dos refugiados que chegou ao fim dos 18 meses do programa de acolhimento em Portugal estava desempregada, sem habitação e não dominava a língua portuguesa”, contribuindo para o prolongamento de situações precárias e da sua maior propensão a serem vítimas de diferentes tipos de crime, sendo um deles o tráfico de pessoas.

De acordo com o relatório do SEF (2023), foram sinalizadas 32 vítimas associadas ao crime de tráfico de pessoas, constituindo as nacionalidades mais relevantes a colombiana (7), a brasileira (5), a guineense-Bissau e a moldava (4), a timorense e a ucraniana (3).

- **Segmentação Psicográfica**

Por definição, a segmentação psicográfica faz “uma análise do estilo de vida, classe social e características de personalidade” (Treptow, 2003, p.50), que influenciam os hábitos de consumo do utilizador. No entanto, uma vez que o projeto é dirigido a um público-alvo que não possui condições financeiras para comprar os produtos propostos neste projeto, a caracterização psicográfica analisará, quanto possível, o seu estado psicológico, e também identificará as razões que fizeram estas pessoas saírem dos seus países onde nasceram e cresceram; e ainda perceber quais os seus desejos e o que esperam encontrar em Portugal.

Para compreender melhor esta população, procedeu-se à visualização do documentário da RTP “Laji, Histórias de Refugiados em Portugal”. Apesar de estas pessoas não se encontrarem desalojadas, estas vivem em habitações sociais, e contam com a ajuda de organizações e associações que apoiam refugiados. A história destas pessoas pode ser também a história de migrantes e refugiados que vivem na rua, sem apoio financeiro, sem ajuda na sua legalização, etc.

Segundo o documentário, para o qual foram entrevistadas 4 pessoas, oriundas de países diferentes, nomeadamente do Iraque, da Síria, do Sudão e por fim, do Irão, os motivos para as suas saídas foram vários.

De acordo com a primeira entrevistada, Lana Marak, de 28 anos e iraquiana, a opressão que sofria enquanto mulher e a falta de liberdade de expressão, juntamente com as constantes ameaças contra a sua vida e da sua família, enquanto jornalista, fez com que decidisse fugir do país que a viu nascer, deixando a sua família para trás.

O segundo entrevistado, Ahmed Ismail com 27 anos, fugiu da Síria por não querer tomar qualquer partido e também porque, se lá ficasse, teria que ir fazer o serviço militar, “(...) mesmo lutar e vais matar pessoas e as pessoas são mesmo sírios, se forem de um lado ou do outro, (...)”. Assim, fugiu para a Turquia e lá foi vítima de xenofobia, devido a questões políticas entre a Turquia e o Curdistão e do Iraque. Decidiu fugir novamente, e de acordo com o seu testemunho, o “próximo passo foi

passar o mar entre a Turquia e a Grécia, com a ajuda de algumas pessoas. Tentou 7 vezes” (Documentário RTP - Laji, Histórias de Refugiados em Portugal).

O terceiro entrevistado, Naji Younan Kalo, do Sudão, de acordo com o documentário, desde 1956 que não há estabilidade no Sudão, com uma guerra civil como cenário para os seus habitantes. Com o assassinio do seu pai, decidiu fugir dos seus países. Foi para o Egipto, achando que lá estaria seguro, mas após uma semana, deu-se início a uma revolução, muito grave, e foi nesse momento que decidiu solicitar o estatuto de refugiado.

Por fim, através o testemunho do quarto entrevistado Amir Shayesteh Tabar, do Irão, é possível perceber que este trabalhava em cooperação com a ONU, e uma revolução no Irão mudou “tanta coisa na vida iraniana, na sociedade, na política, em tudo...” (Documentário RTP - Laji, Histórias de Refugiados em Portugal). Foi testemunha de uma guerra mortífera, entre o Irão e o Iraque, e por não haver valorização e apreço do seu trabalho por parte dos governantes, sentiu que seria melhor sair do seu país.

Com este documentário, pode-se entender que estas pessoas representam uma amostra da população deslocada, que reflete os desejos que pretendem ver respondidos, quando procuram países mais estruturados, seja a nível económico, social, etc. para tornarem na sua nova casa. A procura de estabilidade emocional, de segurança, de respeito pelas diferentes religiões e culturas, de liberdade de expressão, do acesso à saúde e educação são motivos que fazem esta população atravessar países, via terrestre ou marítima, e enfrentar vários perigos, na procura de condições de vida melhores.

- **Segmentação Comportamental**

Segundo o site Diário de Notícias, “Quando na cidade do Porto se juntam doenças, falta de habitação, temperaturas quase negativas e enxurradas, o resultado é uma espécie de revolução dos sem-abrigo a montar tendas para combater o frio.”

Testemunhos dados ao Diário de Notícias tais como "Eu sinto muito frio. Tenho de estar sempre a pedir cobertores, não consigo lidar com o frio. Tenho que me agarrar a ele [ao Cândido, o namorado], porque ele é mais quente que eu (...). O túnel foi a escolha para montar a tenda e fugir às enxurradas registadas dia 07 de janeiro”, deixam-nos vislumbrar uma ínfima parte das dificuldades que enfrentam todos os dias, a viver na rua, sem qualquer comodidade.

Através da visualização de um vídeo para a plataforma do Youtube, intitulado de “Experimento Social | Sem-Abrigo em Portugal”, é possível perceber, com o testemunho do senhor (o qual não foi identificado), em situação de sem-abrigo, que as dificuldades de quem vive na rua são várias, desde o frio, dores no corpo por dormir em superfícies duras e até feridas.



Figura 41 - Excerto de imagem do vídeo Experimento Social | Sem-Abrigo em Portugal. (Fonte: Youtube)

De acordo com a entrevista à psicóloga Marta, do Polo de Leiria da Cruz Vermelha, quando questionada sobre a viabilidade dos produtos propostos neste projeto, esta afirmou que, apesar das pessoas que vivem desalojadas não expressarem qual é o tipo de peça que têm preferência, daquilo que observa, “ambas seriam muito úteis. Primeiro, porque eles andam carregados com “sacos e saquinhos” e eles chegam até nós, muitas vezes, com 2 ou 3 sacos e nós questionamos se a pessoa veio só com aqueles pertences, ao que nos respondem que tiveram que selecionar com o que é que ficavam. Os agasalhos são uma das grandes preocupações deles, por isso sim, considero que são duas peças fulcrais. A mochila porque lhes vai permitir não ter “mais um saquinho” e dar-lhes-á outro tipo de utilidade, e o casaco-cobertor é também bastante importante, tendo em conta o inverno” (Entrevista Cruz Vermelha, 2024, Anexos). Ainda no seguimento, um exemplo que a entrevistada deu foi “chegarem ao pé de nós com calças que claramente foram cortadas para fazer calções para o verão, e não equacionaram que no próximo inverno precisariam das calças.

Os sem-abrigo que nos chegam a nós em Leiria, eles pedem-nos muito cobertores, e depois almofadas, colchões...” (Entrevista Cruz Vermelha, 2024, Anexos).

Desta forma, depreende-se que este grupo de pessoas, que se encontram sem meios financeiros, e face à realidade que vivem, dará importância a produtos têxteis duradouros, versáteis e multifuncionais, sendo-lhes possível “utilizar um mesmo produto de diversas formas, fazendo com que o seu descarte se dê realmente quando não puder mais atender às funções às quais foi destinado.” (ARAÚJO, 2016, p.122)

3.1.2. Marcas Concorrentes

Uma das fases iniciais de pesquisa para o projeto final foi analisar e compreender o mercado de moda nacional e internacional. Este exercício é imprescindível para entender como o tema do vestuário transformável é comercializado. No mundo do têxtil e da moda de hoje, a funcionalidade e versatilidade são aspectos com uma relevância cada vez maior, no sentido em que, será cada vez menos necessário comprar/adquirir peças de vestuário para responder a diferentes propósitos. A mesma peça de roupa pode ter mais de uma função, aliando a estética com a funcionalidade. Durante a pesquisa, percebeu-se de imediato que a abordagem do tema do design modular, nomeadamente a transformação de vestuário em outras peças de roupa ou objetos, carece de investigação no mercado da moda.

Considerando contexto de uma marca de vestuário transformável em objetos/outra peça de roupa, direcionada para responder às dificuldades de quem vive desalojado, foram procuradas outras marcas que utilizassem estas mesmas ideologias no mercado. Este projeto canaliza o espírito do movimento Bauhaus, “ligado à ideologia do funcionalismo, propondo uma adesão total aos problemas da sociedade, sobretudo no plano da vida prática e das necessidades coletivas”¹ com forte ênfase na cor, de forma a influenciar o estado psicológico do público-alvo.

Existem poucas marcas no mercado que seguem o princípio do vestuário transformável, e após uma pesquisa mais profunda, foi possível notar que nenhuma marca alia a transformação e a funcionalidade com a cor, que tem uma grande influência no estado psicológico.

De acordo com a artista Lucy Orta, que desenvolve projetos que visam chamar a atenção para determinados problemas sociais, afirma que “Viver desalojado por longos períodos de tempo deteriora rapidamente a saúde física e psicológica.” Assim, torna-se imprescindível a utilização da cor, de forma estratégica, neste projeto.

Como tal, foram consideradas as marcas **Adiff**, a **Sheltersuit** e o **Studio Orta**, que visam responder a um problema social cada vez mais frequente: o desalojamento e as dificuldades de quem vive na rua.

Esta análise de marcas concorrentes também nos fornece mais detalhes sobre potenciais oportunidades de colaboração ou parcerias para fortalecer o posicionamento no mercado.

Adiff - De acordo com um artigo publicado no site Official Bespoke, tudo começou quando Angela Luna, uma aluna da Parsons School of Design (Nova York), em 2015, desenvolveu uma coleção de final de curso, “Crossing The Boundary”, - uma gama de artigos transformáveis, funcionais e prontos a vestir, feitos a pensar nas necessidades dos refugiados.

As peças da linha unissexo, equipadas com características funcionais, como tecidos reflectores e à prova de intempéries, e aparelhos acoplados feitos para transportar crianças, são peças funcionais, que servem como também dispositivos de flutuação, sacos-cama ou mesmo tendas.

ADIFF



Angela Luna, formada pela Parsons School of Design (Nova York) usou a sua paixão e inovação para criar a Adiff. Esta fundação sem fins lucrativos nasceu do projeto sênior que ela criou na Parsons School of Art e Design, em 2016.

Com base num modelo de negócio feito através de doações, o principal objetivo é redirecionar o dinheiro que entra na indústria da moda para o apoio a iniciativas humanitárias. Com qualquer compra da marca, uma parte do lucro será destinada a doar os itens mais necessários para os refugiados.

A Kickstarter, uma plataforma de crowdfunding, foi uma forma de financiamento do projeto.



Figura 42 - Painel de Mercado ADIFF (Fonte Própria)

Na ADIFF os produtos são direcionados a todos os géneros e têm o objetivo de serem práticos, duráveis, impermeáveis e preparados para serem usados em várias situações.

O painel de produto da marca, mostrado a seguir, serve para demonstrar o processo de transformação das peças, bem como compreender o tipo de materiais utilizados na sua confecção.



Figura 43 - Painel de Produto ADIFF (Fonte Própria)

Sheltersuit – Segundo descrito no site da organização Sheltersuit, a história começa quando Bas Timmer toma conhecimento de que o pai do seu amigo havia falecido de hipotermia, enquanto dormia ao relento. Decidiu tomar uma atitude, e analisando os modelos de casaco, juntamente com alguns materiais (um saco-cama velho e uma tenda), criou um casaco que se transformava num saco-cama. Levou-o para um abrigo, e oferecendo-o a um homem, este mostrou interesse e quis partilhá-lo de imediato com dois amigos seus, que viviam em piores condições.

Pouco tempo depois, após reunir os materiais, recursos e donativos necessários, conseguiu produzir os seus primeiros 100 produtos. Assim surgiu a Sheltersuit em 2014, uma organização sem fins lucrativos.



Em 2014 o designer Bas Timmer decidiu criar uma fundação sem fins lucrativos, com o intuito de ajudar pessoas sem-abrigo. Esta tornou-se conhecida por desenvolver dois artigos específicos para providenciar abrigo a pessoas desalojadas. Estes artigos são vendidos a ONG's (Organizações Não-Governamentais) que, por sua vez distribuem os produtos pela população.

Figura 44 - Painel de Mercado Sheltersuit (Fonte Própria)

Atualmente, a fundação Sheltersuit existe nos Países Baixos, na África do Sul e nos Estados Unidos, e já distribuiu mais de 20.000 produtos quentes e protetores. “Vimos também uma oportunidade de contratar recém-chegados e pessoas distantes da força de trabalho para produzir Sheltersuits, e eles concordaram em usar materiais reaproveitados sempre que possível” (Site Sheltersuit). Estes produtos são feitos a partir de sacos de cama e materiais usados para tendas, doados, por particulares, ou por diversas indústrias têxteis e os custos da produção são cobertos por doações.

Na Fundação Sheltersuit, “compreendemos que trabalhar com pessoas sem-abrigo exige ação rápida, inovação e recursos eficazes” (Site Sheltersuit), e é por isso que esta organização aposta em parcerias com organizações, trazendo soluções dignas para aqueles que mais precisam.



SHELTERSUIT Painel de Produto



Figura 45 - Painel de Produto Sheltersuit (Fonte Própria)

O criador da fundação desenvolveu dois produtos:

SHELTERSUIT – De acordo com o site FORBES, o casaco denominado “Sheltersuit” é um modelo de vestuário exterior multifuncional que serve de casaco durante o dia e de saco-cama durante a noite. A peça inteira também se transforma numa mochila para transporte. As peças de vestuário são fabricadas a partir de têxteis reciclados, incluindo sacos-cama descartados em festivais e tecidos recuperados de fábricas. Este produto é indicado para ambientes mais frios.

SHELTERBAG – De acordo com o site Sheltersuit, o Shelterbag é uma cama portátil e abrigada que se enrola num saco. É à prova de água, leve, fácil de manusear e tem um compartimento extra para alguns objectos pessoais. É fornecido com um saco-cama e uma almofada incorporada, mas também tem espaço para um colchão ou cobertor extra, o que o torna adaptável a todas as estações. Uma vara de tenda flexível está integrada no capuz para a manter na vertical, proporcionando mais espaço e um melhor abrigo da chuva.

O crescimento e financiamento desta fundação é conseguido através do uso de plataformas de crowdfunding, donativos, cujos dados bancários se encontram disponíveis no website da organização, e ainda através de parcerias, não só com ONG’s que formam a ponte entre a Sheltersuit e o público-alvo, para a distribuição dos produtos, pelos vários países onde esta fundação está presente, mas também com marcas conceituadas na área do design de vestuário, permitindo dar maior visibilidade à fundação.

Parcerias com marcas como a CHLOÉ, marca de luxo e com a marca AZ Factory, que consistem na criação de peças de vestuário (para desfile) e acessórios (malas) para venda, permitem captar a atenção do público consumidor para o flagelo que é a crise da migração.

Na venda destes produtos, no caso da colaboração com a CHLOÉ, de acordo com o site Shelter Lab, por cada mala comprada, aplica-se o modelo “compre uma, dê uma” e a AZ Factory doa uma percentagem das suas vendas para a fundação Sheltersuit. Também a Net-a-Porter iguala a compra de uma mala com a doação de uma Shelterbag.

Com estas parcerias, a fundação conseguir fazer 550 mochilas e 1100 fatos de abrigo.

ORTA- A artista Lucy Orta nasceu na Grã-Bretanha em 1966. Formada em design de moda, virou-se para as artes visuais a partir de 1991, quando conheceu Jorge Orta, um artista argentino com quem tem colaborado desde então. Assim nasceu o studio ORTA. (tradução livre do site Aware Women Artists). São usadas diferentes linguagens como o desenho, escultura, performance, vídeo e fotografia para realizar um corpo singular de trabalho.

Algumas das suas principais obras, a nível particular, de Lucy Orta, incluem o projeto *Refuge Wear* (“roupa para refúgio”) e o projeto *Body Architecture* (“Arquitetura Corporal”) transportáveis, leves e com estruturas autónomas que representam questões de mobilidade e sobrevivência. Estes protótipos foram feitos a partir de equipamento humanitário como tendas, cobertores de sobrevivência e sacos-cama que eram transformados em abrigos temporários e com arquiteturas portáteis (tradução livre do Site Aware Women Artists).

“A artista plástica Lucy Orta, projeta e constrói a “roupa-arquitetura” ou “vestimenta-habitat” como se fosse um refúgio transformável que se encaixa para configurar uma arquitetura modular. Lucy considera a roupa como uma extensão do corpo (SALTZMAN, 2008, p. 317, apud FERREIRA; CARVALHO, 2014, p.6).

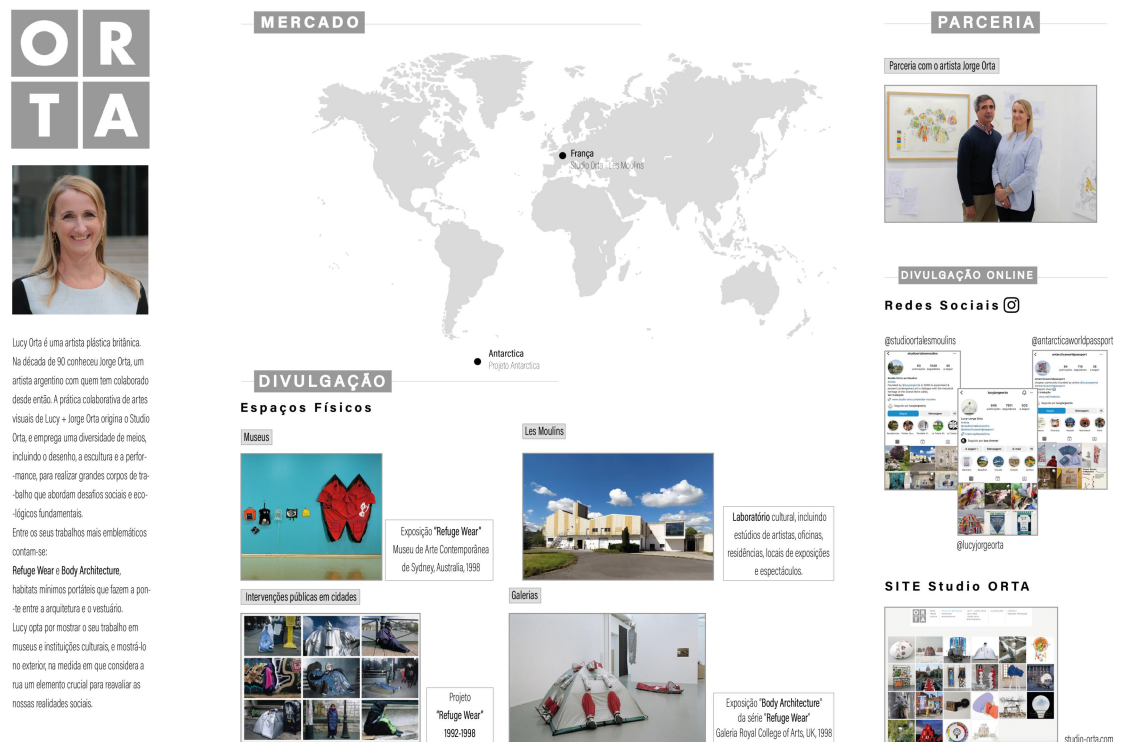


Figura 46 - Painel de Produto ORTA (Fonte Própria)

De acordo com o artigo do site *Aware Women Artists*, embora a artista plástica opte por mostrar o seu trabalho em museus e instituições culturais, também insiste em mostrá-lo no exterior, na medida em que considera a rua um elemento crucial para reavaliar as nossas realidades sociais através da utilização de formas poéticas e metafóricas feitas para explorar a noção de trocas no espaço público.

No âmbito do vestuário transformável, o projeto “*Refuge Wear*” de Lucy Orta é o que mais se enquadra enquanto objeto de estudo. De acordo com a artista plástica, “viver desalojado por longos períodos de tempo deteriora rapidamente a saúde física e psicológica. A falta de um sono tranquilo aumenta o stress, enfraquece o sistema imunitário e acelera a perda de identidade e a dessocialização” (site Studio Orta).

O projeto “*Refuge Wear*” teve início por volta do início dos anos 90. Lucy Orta tentou criar uma série de abrigos portáteis ou “habitats” destinados aos refugiados que fugiam das zonas de guerra e que acabavam por viver sem abrigo nas ruas de Paris. Na entrevista a Lucy Orta, realizada por Bolton (2002), para o seu livro “*The Supermodern Wardrobe*”, esta explica que as peças *Refuge Wear*, que são apenas protótipos, não se baseiam em formas de vestuário tradicionais. O seu processo de design começa pelo objetivo final pretendido, e a partir daí desenvolve o objeto para que tenha também a função de vestuário. O “volume” destas peças é criado por uma estrutura que eleva o tecido acima do peito, numa tentativa de reduzir a sensação de claustrofobia, proporcionando assim uma sensação de bem-estar e de “casa” (BOLTON, p.142).

Também a partir da entrevista publicada por Bolton (2002), é possível perceber que, conforme explica Orta, o projeto consiste essencialmente numa série de abrigos temporários que se podem separar em duas partes: um casaco e um saco de transporte, ou a partir de um sistema de fechos e velcros que criam formas móveis - de um saco-cama a calças. As estruturas de suporte em alumínio são leves e telescópicas para que a arquitetura possa efetivamente “saltar para cima”. “Os apêndices dos braços e das pernas que sobressaem das estruturas em forma de casulo permitem ao corpo funcionar num ambiente e manipular o espaço. Eles também proporcionam mobilidade vital, permitindo aos indivíduos deslocarem-se para um novo local” (BOLTON, 2002, p.147).

A artista desenvolveu os protótipos do projeto *Refuge Wear* em colaboração com indivíduos em dificuldades e populações nômadas, como pessoas em situação de sem-abrigo, por exemplo, para criar diferentes protótipos que pudessem proporcionar um local confortável para descansar em condições extremas.

Estas peças são frequentemente cobertas por bolsas que contêm objetos metafóricos e funcionais, que segundo Lucy Orta, quando estava a “trabalhar com os residentes do Exército de Salvação, discutimos a necessidade de contentores portáteis e os tipos de objetos e utensílios necessários para viver nas ruas. Com isso em mente, comecei a criar kits de sobrevivência para diferentes estados hipotéticos” (BOLTON, 2002, p.147), tendo assim a finalidade de servir para transporte de objetos pessoais e de objetos necessários para a sobrevivência individual.

Lucy Orta não tinha a intenção de encontrar uma solução para os problemas dos moradores de rua, mas o seu trabalho reflete novas possibilidades de ocupação do espaço público ao mesmo tempo em que provoca uma resposta eficaz para os que vivem ao relento (ARAÚJO e MIRANDA, 2014 apud FERREIRA; CARVALHO, 2014, p.7).



Figura 47 - Projeto Refuge Wear de Lucy Orta. (Fonte: <https://awarewomenartists.com/en/artiste/lucy-orta/>)

Desta forma, pode-se concluir que o projeto Refuge Wear preocupa-se com as necessidades individuais e questiona a identidade individual e a forma como esta se relaciona com o meio envolvente. Cada peça pode ser adaptada à necessidade e bolsos, luvas e capuzes são uma extensão da identidade” (BOLTON, p.142).



Figura 48 - Painel de Produto ORTA (Fonte Própria)

3.2. Peças Transformáveis

3.2.1 Painel de Conceito

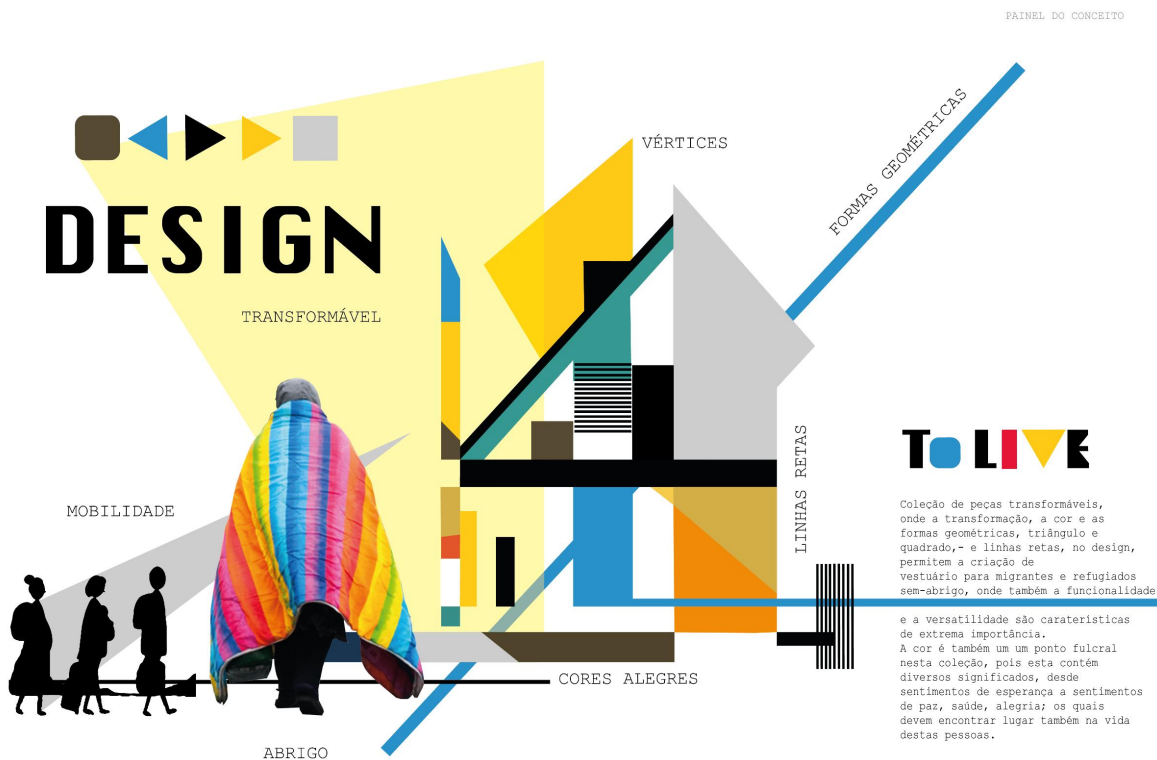


Figura 49 - Painel de Conceito. (Fonte Própria)

3.2.2. Memória Descritiva

O nosso sentimento de segurança e bem-estar estava já bastante abalado por dois anos consecutivos de pandemia COVID-19¹. Também a crise sócio-económica que dela decorre deixou-nos com poucas esperanças. Quando, finalmente, aguardávamos o fim da pandemia, fomos confrontados com uma Guerra e todas as suas consequências desastrosas. Para além disto, também as constantes notícias sobre alterações climáticas e desastres naturais, a que somos expostos diariamente, fazem ainda mais, aumentar o sentimento de angústia e insegurança. A possibilidade de existir um potencial de destruição da vida e do mundo como o conhecemos, que pode erradicar culturas, territórios, línguas, o futuro das pessoas e dos animais, e também o pouco investimento e interesse na procura de soluções simples para estas situações, que poderiam estar ao alcance da população em geral, leva-me a acreditar que ainda não estamos preparados para enfrentar estes obstáculos.

Neste sentido, o vestuário pode tornar-se numa possível resposta às dificuldades de quem fica, por exemplo, sem abrigo, quando desenvolvido de forma a cumprir várias necessidades: conforto térmico, versatilidade, abrigo, transporte (...) entre outras.

Segundo Koschinski² (2020, p.43, 44), “os refugiados vivem, portanto, às margens da sociedade, e na condição de população excedente, não apresentando condições de se inserir nos padrões sociais vigentes.” Ainda Bauman (apud Koschinski, p.44) afirma que “Essas criaturas à deriva e à espera não têm alguma coisa senão sua vida indefesa, cuja continuação depende da ajuda humanitária.”

Desta forma, o conceito foca-se na cor e nas formas geométricas, pontos fulcrais nestas peças. A cor, pela sua simbologia, pode provocar diferentes sentimentos e sensações a quem a veste. Paz, tranquilidade, harmonia, alegria, estão entre muitos dos sentimentos que são transmitidos por diferentes cores, e os quais se tornam ainda mais importantes, podendo contribuir para um melhor bem-estar destas pessoas que enfrentam várias dificuldades de quem vive sem um teto.

Também as linhas retas e os vértices representam a simplicidade. Tanto a cor como as formas geométricas são os primeiros elementos que aprendemos desde cedo a desenhar, e portanto, de uma certa forma, podem também invocar um regresso à infância, um período de inocência e de descoberta do mundo.

3.2.3. Paleta de Cores



Figura 50 - Paleta de cores. (Fonte Própria)

3.2.4. Painel de Materiais e e Aviamentos


MATÉRIAS-PRIMAS



			
<p>Ref. 1: VELO DE ENCHIMENTO 120 g/m² e 360 g/m² Respirável Isolamento Térmico Fornecedor: tecidosativos.pt</p>	<p>Ref. 2: FORRO POLAR 100% Poliéster Anti-pilling Respirável Fornecedor: tecidosativos.pt</p>	<p>Ref. 3: CORDURA® - ANTI RASGÕES 65% Poliéster 35% Poliamida À prova de vento Impermeável Fornecedor: tecidosativos.pt</p>	<p>Ref. 4: SEELAND - MICROFIBRA COM IMPREGNAÇÃO BIONIC FINISH® 100% Poliéster Impermeável Respirável Proteção UV UPF50+ Fornecedor: tecidosativos.pt</p>
			
<p>Ref. 5: AIR MESH - TECIDO ESPAÇADOR 3D 100% Poliéster Respirável Resistente a abrasão Fornecedor: tecidosativos.pt</p>	<p>Ref. 6: FORRO OEKO-TEX® 100% Poliéster Secagem rápido Respirável Fornecedor: tecidosativos.pt</p>	<p>Ref. 7: SOAN - MALHA TUBULAR 94% Poliéster 6% Elastano Elástico Respirável Fornecedor: tecidosativos.pt</p>	<p>Ref. 8: BUCATO - REVESTIMENTO MALHA 100% Poliéster Bi-Elástico Fornecedor: tecidosativos.pt</p>

Figura 51 - Paleta de matérias-primas. (Fonte Própria)

AVIAMENTOS











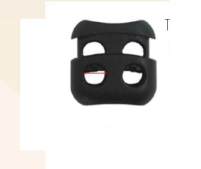

				
<p>Ref. 1: VELCRO Largura: 25mm Fornecedor: tecidosativos.pt</p>	<p>Ref. 2: FITA-REFLETO RA- 3M™ SCOTCHLITE™ Largura: 50mm Fornecedor: tecidosativos.pt</p>	<p>Ref. 3: OLYCRAFT Ganchos G Plástico Leve Largura: 25mm</p>	<p>Linha Poliéster Fornecedor: Retrosaria do Liz</p>	<p>Ref. 4: DESLIZADOR Plástico Leve Largura: 25mm Fornecedor: Retrosaria do Liz</p>
				
<p>Ref. 5: FITA DE NASTRO - SARJADA 100% Poliéster Largura: 20mm Fornecedor: Retrosaria do Liz</p>	<p>Ref. 6: FECHO DE CORRER DUPLLO Resina Diferentes Comprimentos Largura: 30mm Fornecedor: Retrosaria do Liz</p>	<p>Ref. 7: ILHÓSES Diâmetro: 40mm Fornecedor: Retrosaria do Liz</p>	<p>Ref. 8: FECHO DE CORDÃO Diâmetro: 40mm Fornecedor: Retrosaria do Liz</p>	<p>Ref. 9: CORDÃO DE NYLON Diâmetro: 30mm Fornecedor: Retrosaria do Liz</p>

Figura 52 - Paleta de aviamentos. (Fonte Própria)

3.2.5. Experimentação de dobragens

Segue abaixo todo o meu processo de testagem, com a devida descrição após cada representação gráfica. A primeira tentativa foi para desenvolver o casaco/cobertor/saco-cama.

1.^a Experimentação:



Figura 53 - Experimentação de dobragem para desenvolver o casaco/cobertor/saco-cama. (Fonte Própria)

As seguintes experimentações foram no sentido de desenvolver o casaco/mochila. A primeira dobragem segue abaixo.

1.^a Experimentação:



Figura 54 - Experimentação de dobragem para desenvolver o casaco/mochila. (Fonte Própria)

Processo: Fazendo uma leitura da esquerda para a direita, e no sentido de cima para baixo, a primeira dobragem não funcionou uma vez que o fecho do centro frente do casaco não foi tido em consideração, pelo que o casaco, quando adaptado para se transformar em mochila, já não iria conseguir responder ao propósito enquanto também peça de roupa, o de vestir.

Segui então para a experimentação de uma dobragem diferente.

2.^a Experimentação:



Figura 55 - Experimentação de dobragem para desenvolver o casaco/mochila. (Fonte Própria)

A segunda dobragem não alcançou o resultado pretendido, uma vez que, devido às duas dobragens feitas no casaco, este ficou demasiado pequeno e com muito pouco espaço livre para posteriormente, colocar bolsos bem como guardar qualquer tipo de objetos. Segui então para a experimentação de uma última dobragem.

3.ª Experimentação:



Figura 56 - Experimentação de dobragem para desenvolver o casaco/mochila. (Fonte Própria)

A terceira dobragem foi a escolhida, não só pelo espaço livre que sobra ,mas também pela posição das alças, que serão removíveis e ainda com dupla funcionalidade.

3.2.6. Esboços

Kit de Sobrevivência

De acordo com a Deco Proteste, um kit de sobrevivência deve ter objetos e produtos simples, que podem fazer a diferença numa situação de emergência. Estes utensílios fornecem calor, luz e segurança básicos, e são especialmente úteis para os desafios e preocupações que uma pessoa em situação de sem-abrigo enfrenta.

Este kit é composto por:

- **1 manta de aquecimento**, a qual pode “proporcionar um calor que salva vidas nas noites frias. O seu material único reflecte a luz, retém 90% do calor do corpo e protege da chuva, do vento e da neve” (Site Fire Supply Depot);
- **1 Saco de dormir de emergência**, “feito de um material aluminizado, leve e que retém 90% do calor do corpo, ajudando a proteger contra a hipotermia” (Site Fire Supply Depot);
- **1 pequena lanterna** a pilhas;
- **Pilhas** de substituição;
- **1 Espelho inquebrável**;
- **1 Apito de alerta metálico**, que pode ser utilizado como um “dispositivo de localização para alertar ou para afugentar animais ou pessoas que ameacem a sua segurança” (Site Fire Supply Depot);
- **Saco de plástico com fecho**;
- **Canivete multifunções e isqueiro**;
- **Kit de primeiros socorros**, que, de acordo com a Deco Proteste, deve ter:
 - I. Compressas, ligaduras, luvas descartáveis, pensos, adesivos e tesoura;
 - II. Antiséptico (como iodopovidona, presente no Betadine), para desinfetar as feridas, e soro fisiológico para os olhos;
 - III. Anti-inflamatórios, como ibuprofeno;
 - IV. Termómetro, lenços de papel, toalhas e cotonetes.

Com base nesta informação, procedi ao desenvolvimento de esboços dos objetos mencionados acima, de forma a que estes possam caber nos bolsos do casaco/mochila, também a ser estudado através de esboços, estando estes por ordem de desenvolvimento.

O 1.º passo passou por determinar quais os objetos que fazem parte de um kit de sobrevivência. Em seguida procedi ao desenvolvimento de esboços dos mesmos objetos, e perceber quais as suas dimensões.

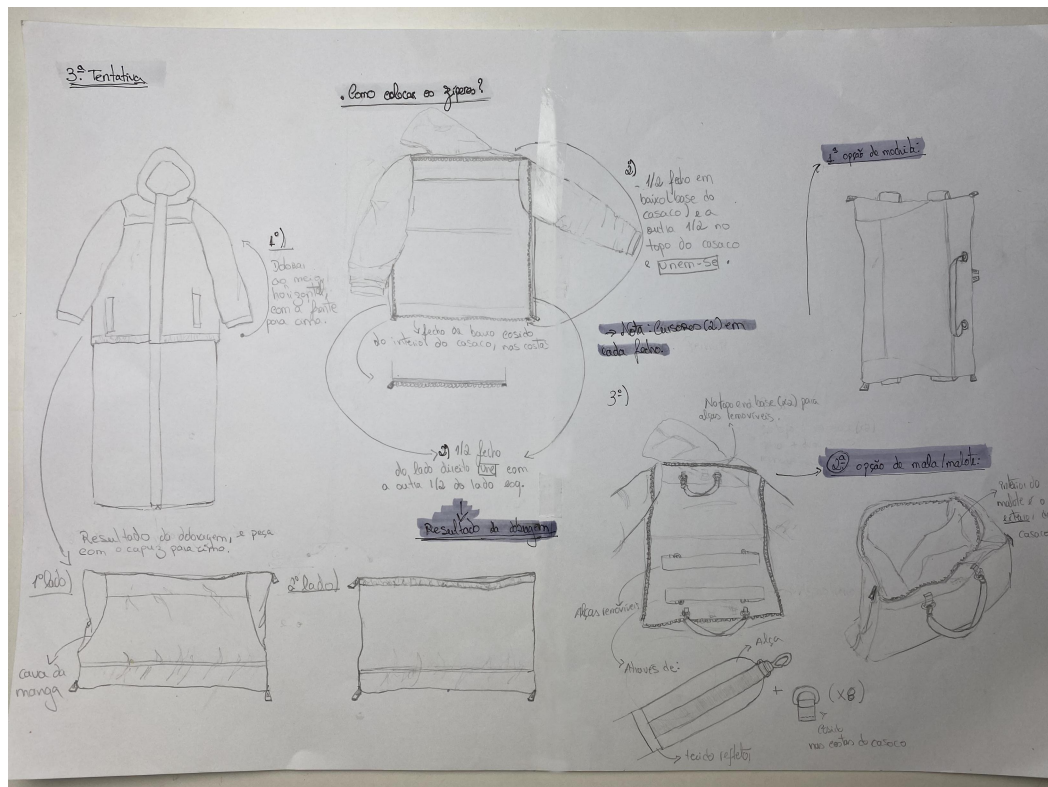


Figura 59 - Estudo de dobragens. (Fonte Própria)

O 3.º passo foi proceder ao desenvolvimento de estudos de silhuetas de casacos, da incorporação das formas geométricas no seu design e sobretudo, estudar a posição e design dos bolsos, tendo em consideração as suas dimensões, de forma a que possam caber os objetos estudados acima.

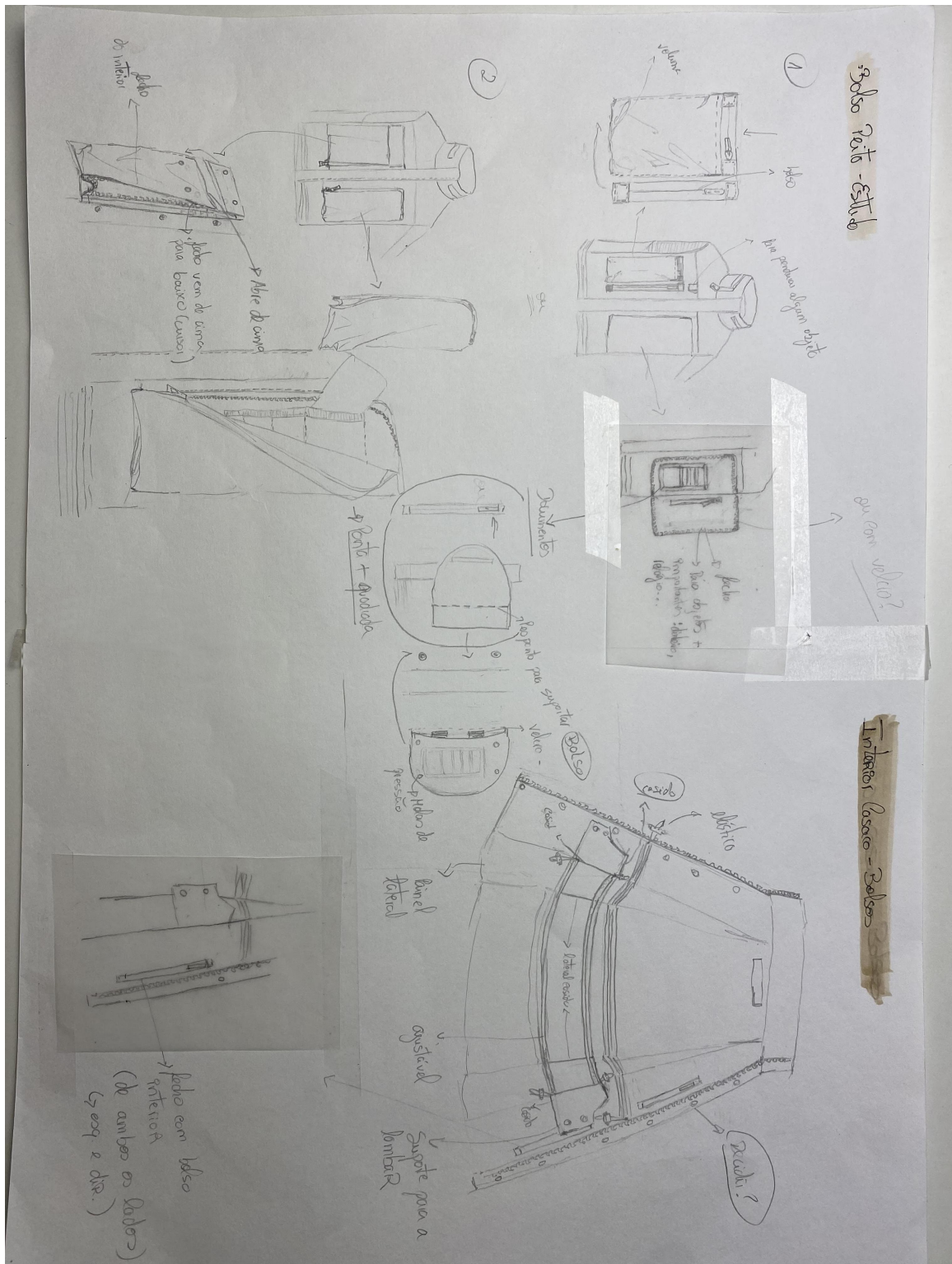


Figura 62 - Esboços. (Fonte Própria)

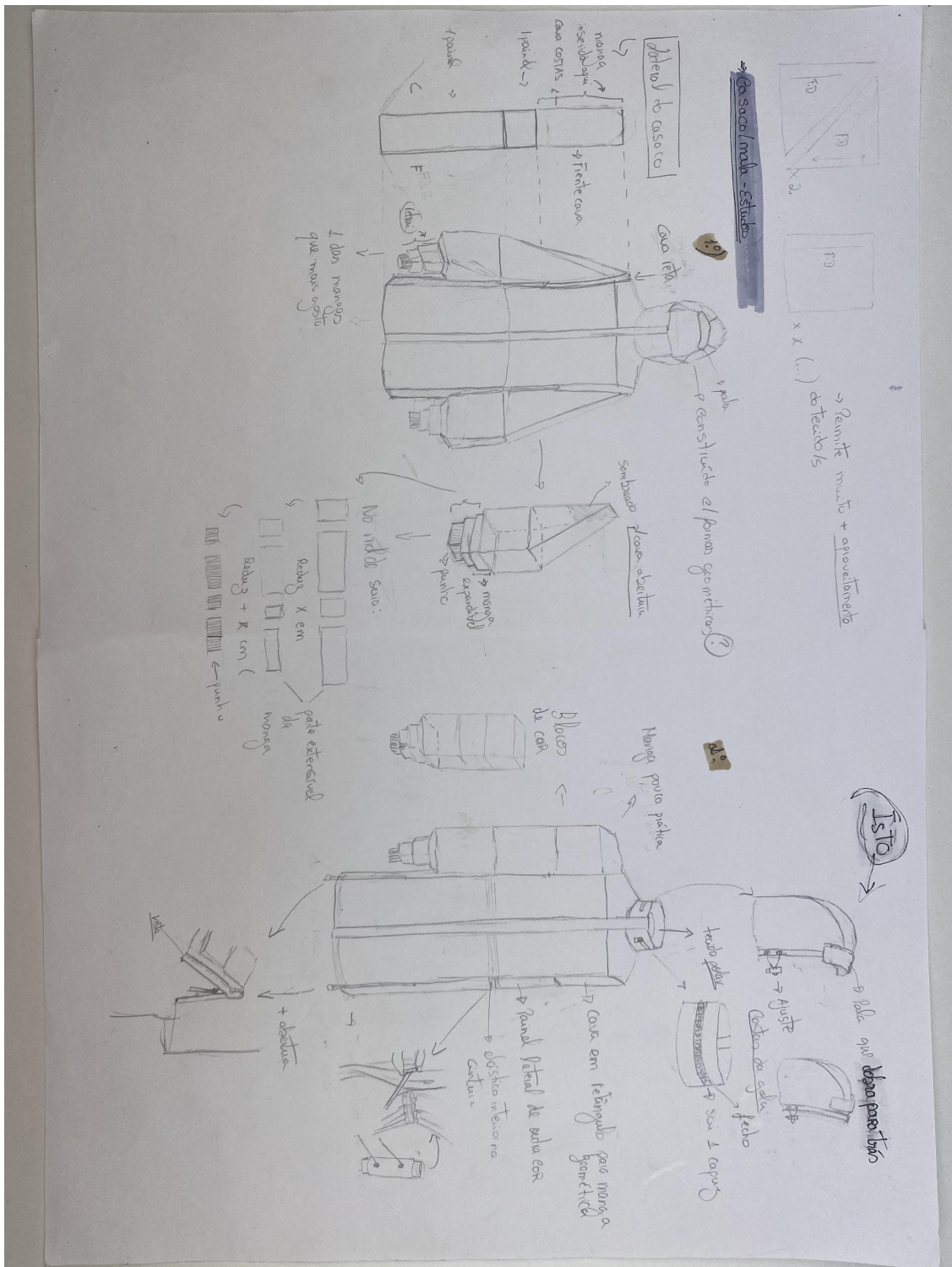


Figura 63 - Esboços. (Fonte Própria)

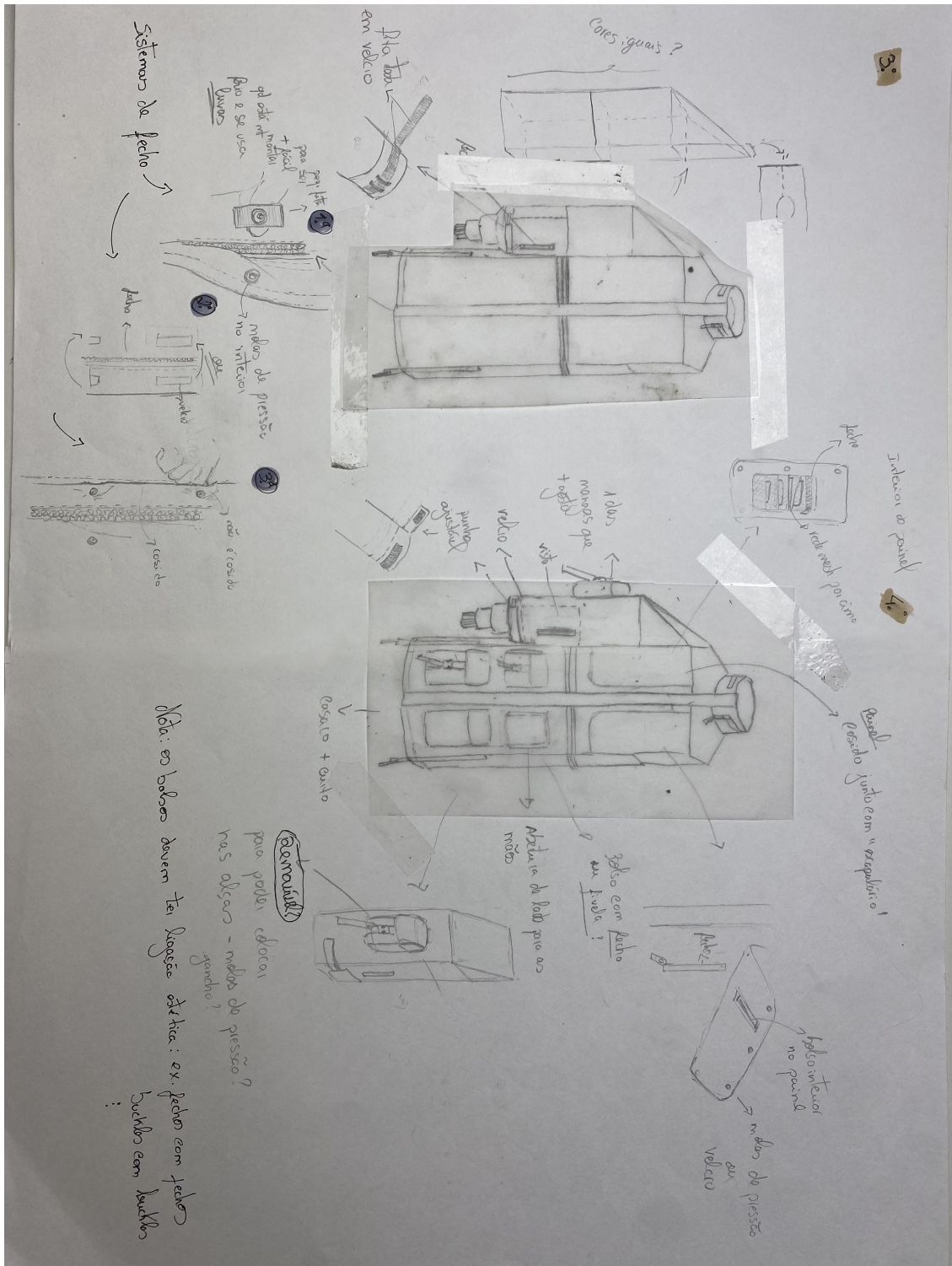


Figura 64 - Esboços. (Fonte Própria)

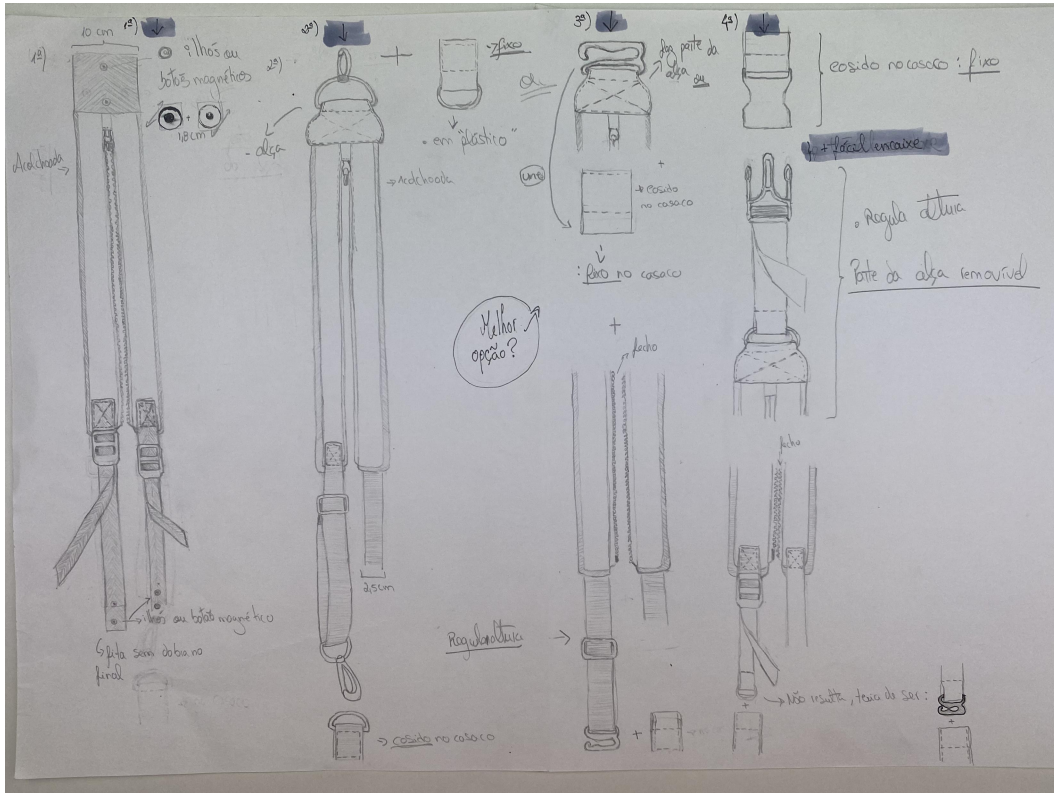


Figura 66 - Estudos de alças para a mochila. (Fonte Própria)

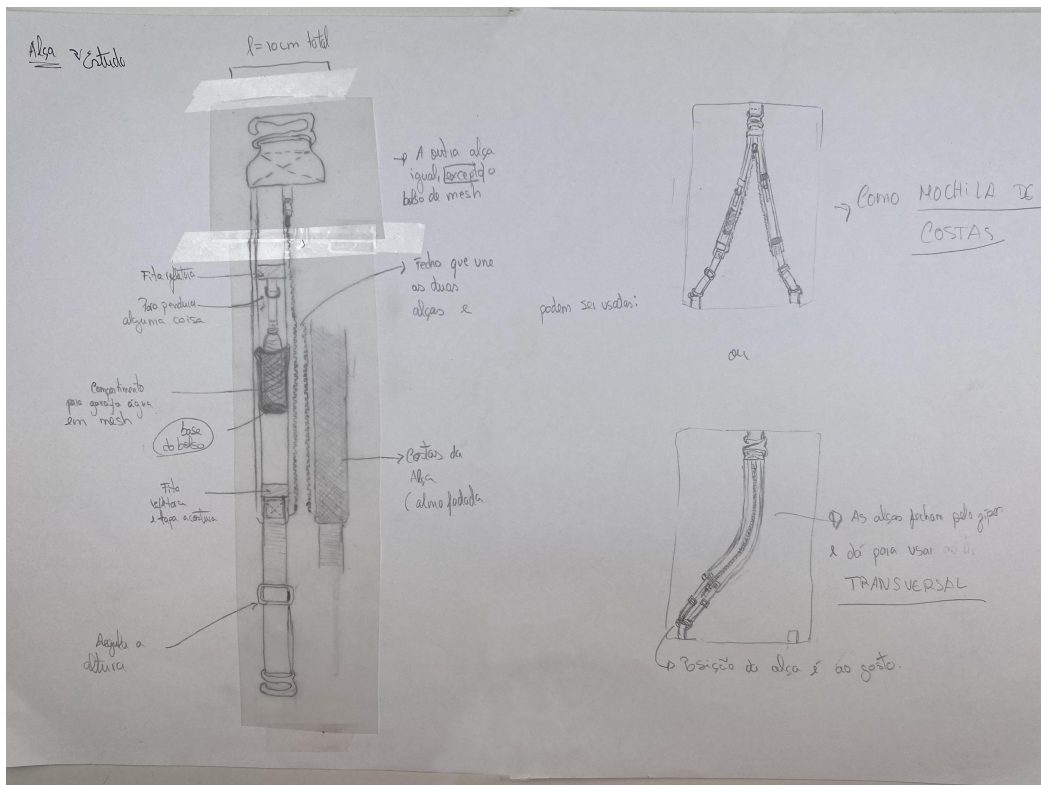


Figura 67 - Estudos de alças para a mochila. (Fonte Própria)

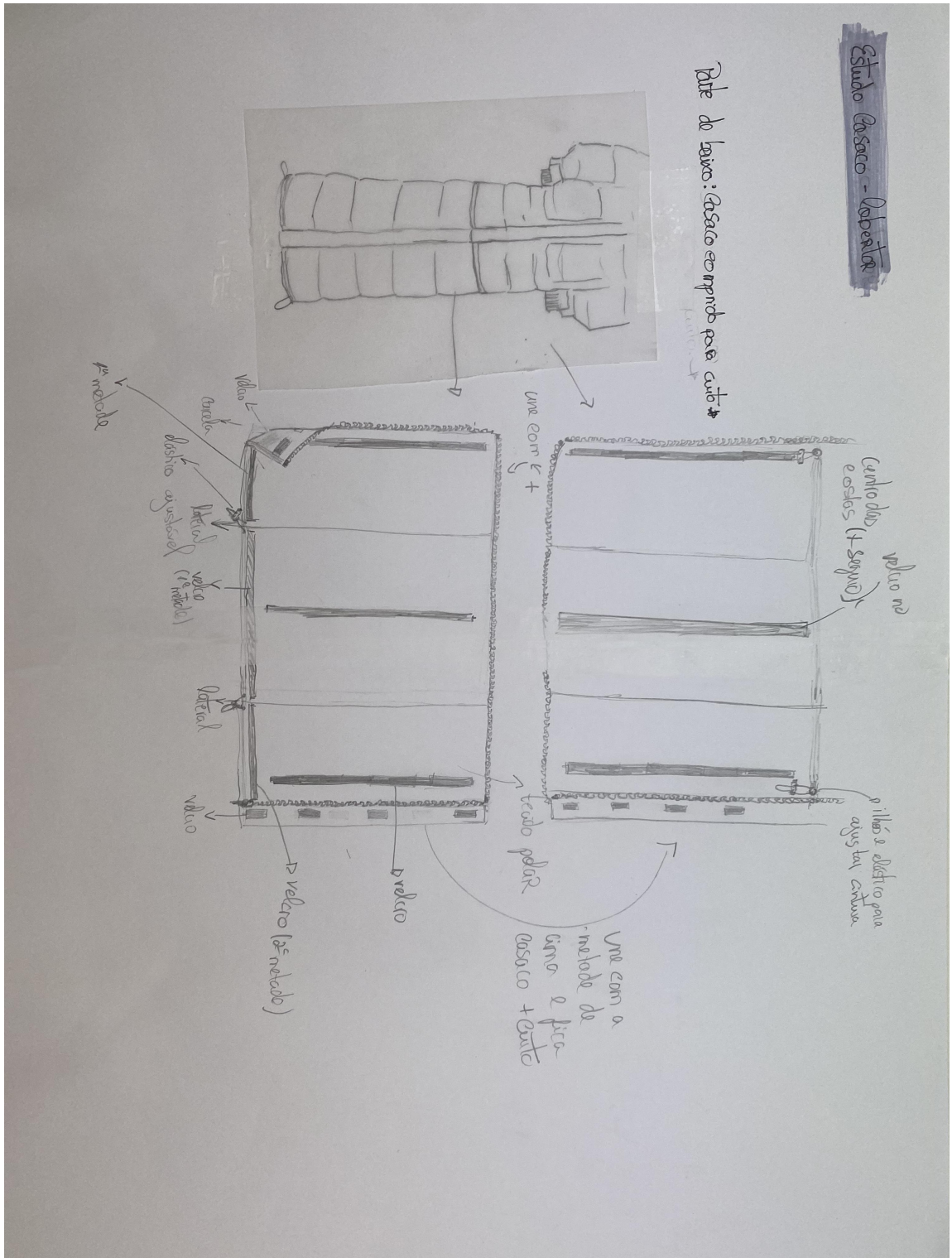


Figura 70 - Esboços. (Fonte Própria)

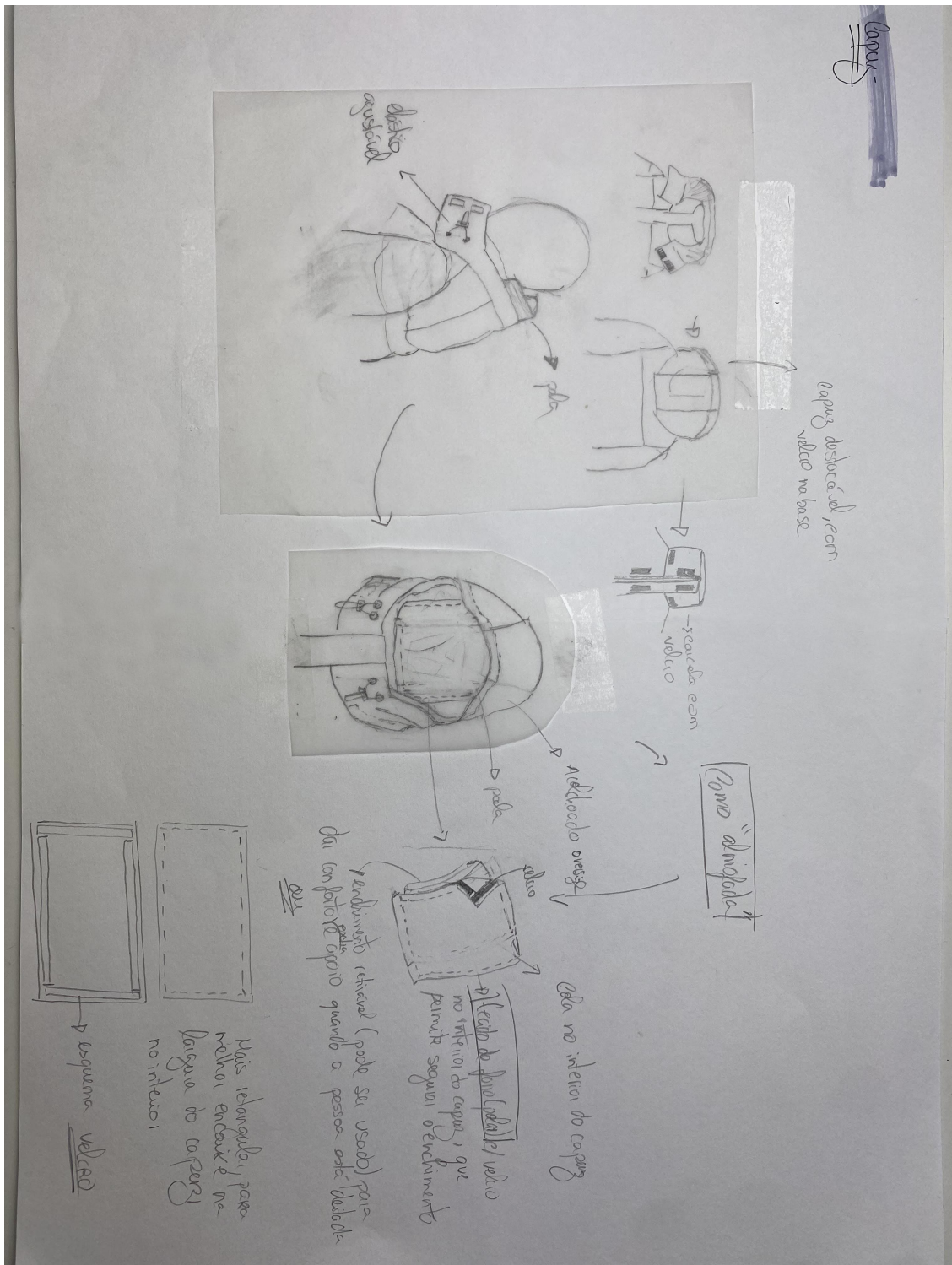


Figura 72 - Esboços. (Fonte Própria)

3.2.7. Ilustrações Finais



Figura 73 - Ilustrações finais. (Fonte Própria)

3.2.8. Fichas Técnicas

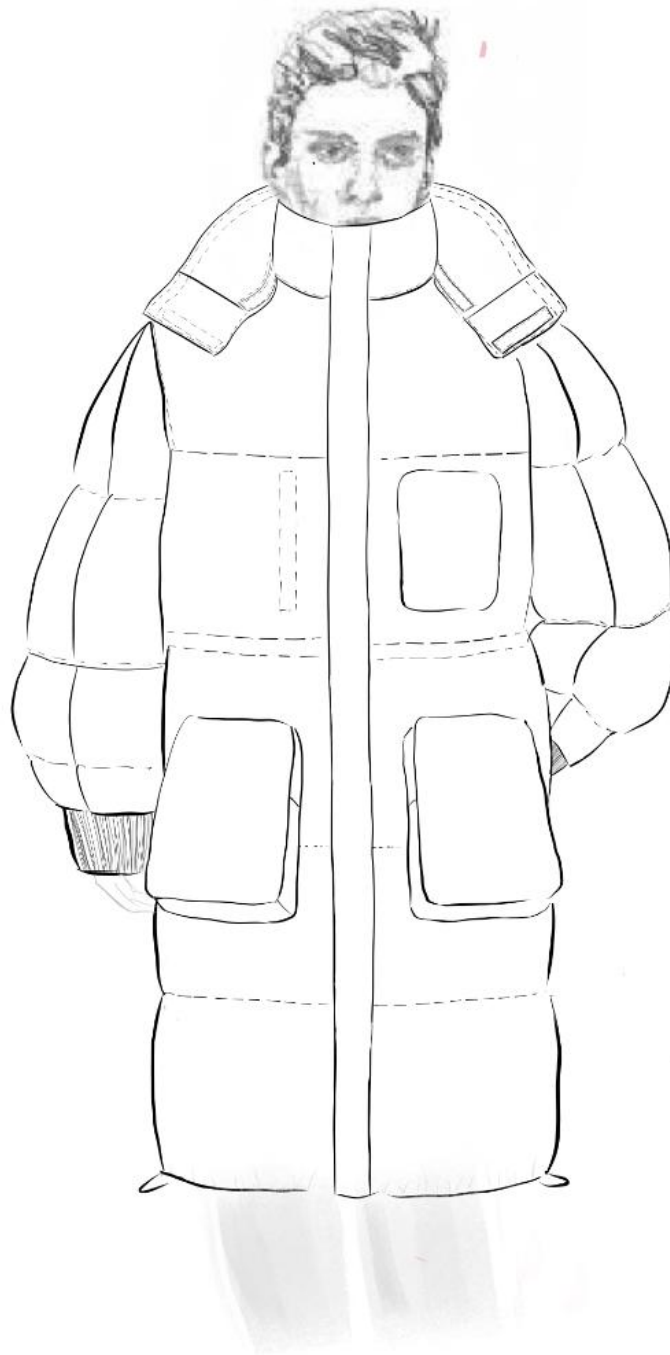
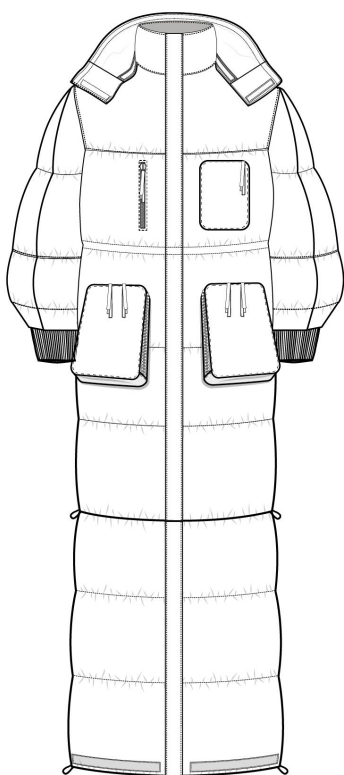


Figura 74 - Ilustração casaco/cobertor/saco-cama. (Fonte Própria)

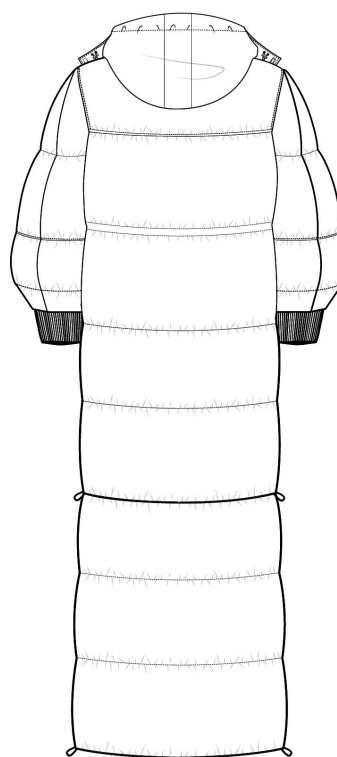
FICHA TÉCNICA

Modelo: Casaco/Cobertor/Saco-Cama	Descrição: Casaco com velo de enchimento. Todo ele leva enchimento, excepto nos punhos. Casaco com fecho de correr no centro frente, com carcela. Tem velcro junto à base da gola, no interior do capuz (na carcela) e na sua base, no exterior e interior do casaco. Tem 2 bolsos com volume na sua base e com fecho de correr, com cursor duplo. 1 bolso de peito que abre na direção da lateral do casaco, com divisórias, e 1 bolso embutido com fecho. Cordão elástico na base do casaco comprido e curto. Cintura ajustável com cordão elástico. Punhos de malha tubular, dobráveis, com abertura para polegar.
Estação: Out/Inv	
Ref: CT01	
Designer: Diana Soares	
Data: 10/06/2024	
Tamanho: 41	

FRENTE



COSTAS



Matérias-Primas:



Aviamentos:

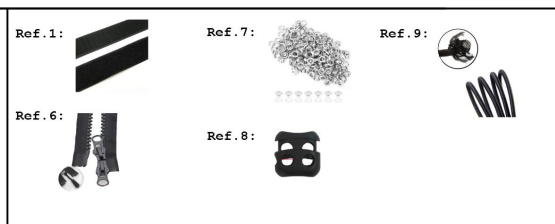


Figura 75 - Ficha técnica do casaco/cobertor/saco-cama. (Fonte Própria)

FICHA TÉCNICA

Modelo: Casaco/Cobertor/Saco-Cama	Descrição: Casaco com velo de enchimento. Todo ele leva enchimento, excepto nos punhos. Casaco com fecho de correr no centro frente, com carcela. Tem velcro junto à base da gola, no interior do capuz (na carcela) e na sua base, no exterior e interior do casaco. Tem 2 bolsos com volume na sua base e com fecho de correr, com cursor duplo, 1 bolso de peito que abre na direção da lateral do casaco, com divisórias, e 1 bolso embutido com fecho. Cordão elástico na base do casaco comprido e curto. Cintura ajustável com cordão elástico. Punhos de malha tubular, dobráveis, com abertura para polegar.
Estação: Out/Inv	
Ref: CT01	
Designer: Diana Soares	
Data: 10/06/2024	
Tamanho: 41	

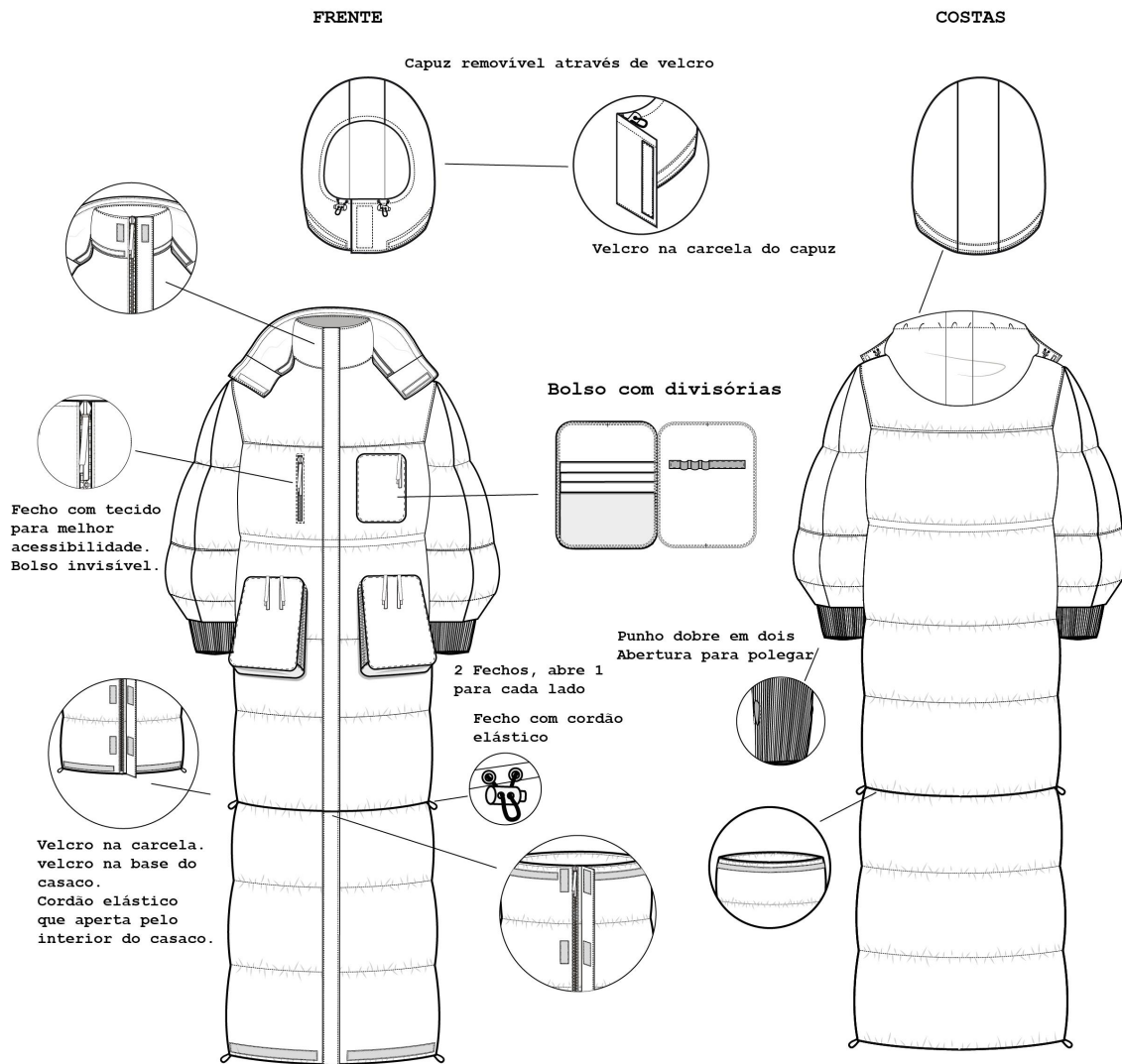


Figura 76 - Ficha técnica do casaco/cobertor/saco-cama. (Fonte Própria)

FICHA TÉCNICA

Modelo: Casaco/Cobertor/Saco-Cama	Descrição do processo: Casaco com enchimento que pode ser utilizado longo ou mais curto. O casaco no formato comprido pode ser utilizado como saco-cama, através de velcro e do cordão elástico, ambos na base do casaco. A parte de baixo (desmontável) pode ser utilizada sozinha como um cobertor. Para utilizar o casaco no formato curto, a parte desmontável, é unida à zona interior superior do casaco através de velcro.
Estação: Out/Inv	
Ref: CT01	
Designer: Diana Soares	
Data: 10/06/2024	
Tamanho: 41	

PROCESSO

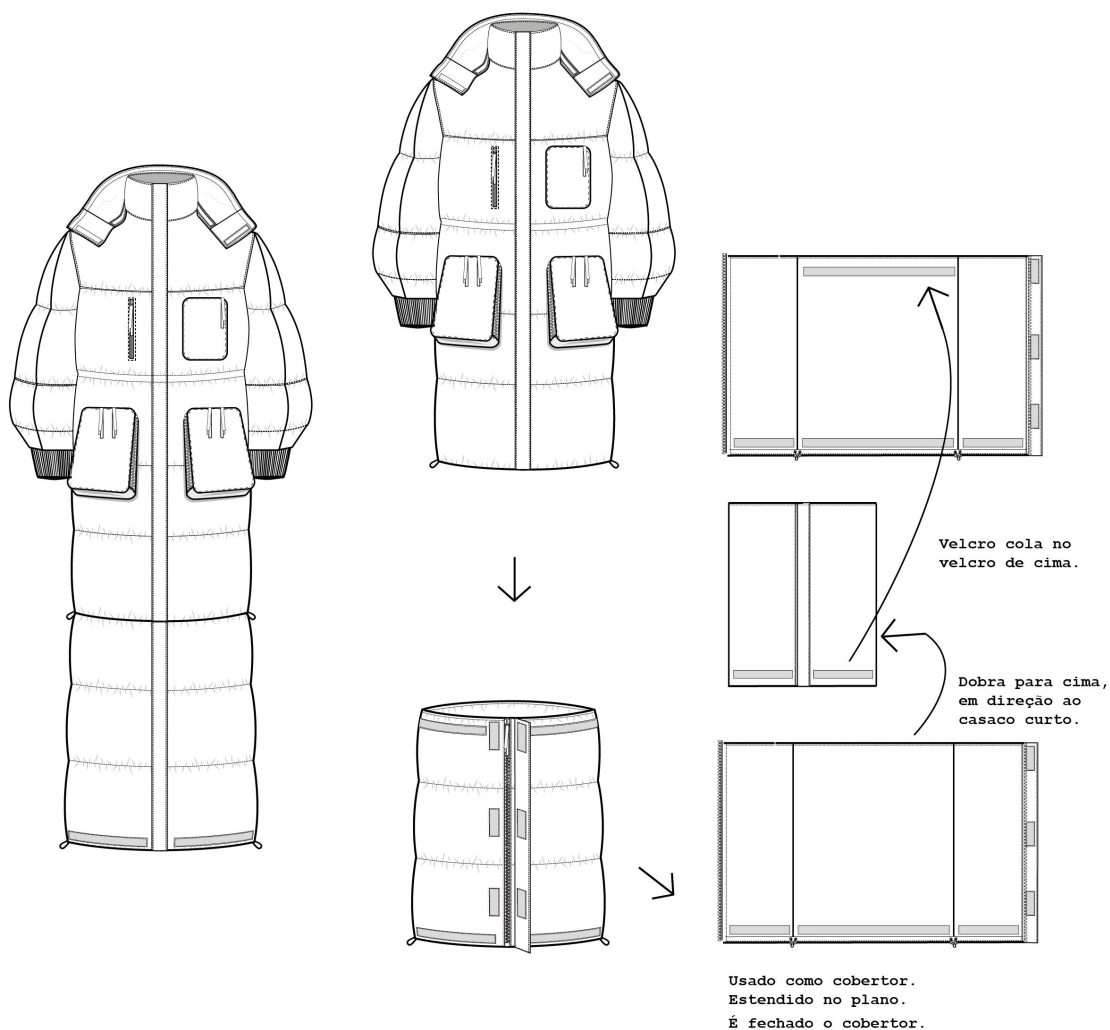


Figura 77 - Ficha técnica do processo de transformação do casaco em cobertor ou saco-cama. (Fonte Própria)

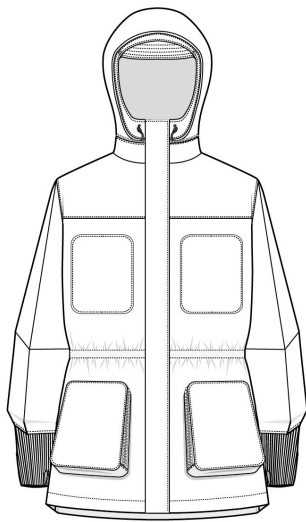


Figura 78 - Ilustração casaco/mochila. (Fonte Própria)

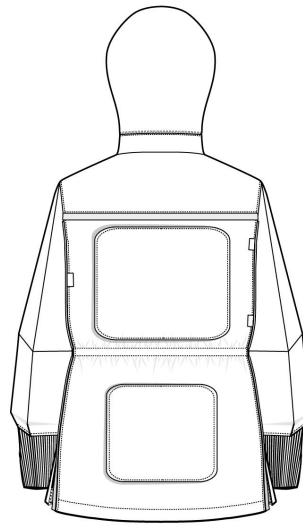
FICHA TÉCNICA

Modelo: Casaco/Cobertor/Saco-Cama	Descrição: Casaco com velo de enchimento. Todo ele leva enchimento, excepto nos punhos. Casaco com fecho de correr no centro frente, com carcela e Velcro. Punhos em rib e capuz embutido na gola em bolso com fecho de correr e atilhos ajustáveis. 2 bolsos com fecho de correr e cursor no peito. A zona da cintura tem um tunel com elástico e pipo colocados no interior do casaco, permitindo que este de ajuste ao corpo. A zona de baixo do casaco tem 2 bolsos tipo fole com cursor duplo e com um bolso embutido por baixo. Nas costas tem 1 bolso duplo em cima, composto por duas divisórias e 1 bolso embutido maior com fecho de correr na zona de baixo. As laterais são compostas por fechos divisíveis que permitem fechar a peça juntando parte inferior à parte superior.
Estação: Out/Inv	
Ref: CT02	
Designer: Diana Soares	
Data: 10/06/2024	
Tamanho: 41	

FRENTE



COSTAS



Tecido:



Aviamentos:



Figura 79 - Ficha técnica do casaco/mochila. (Fonte Própria)



Figura 81 - Ilustração das diferentes posições da mochila. (Fonte Própria)

FICHA TÉCNICA

Modelo: Casaco/Cobertor/Saco-Cama	Descrição do processo: Casaco com enchimento que pode ser utilizado como mochila. O casaco é composto por diversos bolsos que permitem armazenar objetos. O casaco tem um fecho na zona bainha (interior) que permite unir ao fecho do escapulário, bem como fechos nas laterais do casaco que possibilitam fechar as laterais entre si. Ou seja, os fechos da parte inferior unem aos fechos da parte superior, transformando a peça numa mochila funcional. Os bolsos das costas estão pensados meticulosamente para serem úteis no formato de mochila.
Estação: Out/Inv	
Ref: CT01	
Designer: Diana Soares	
Data: 10/06/2024	
Tamanho: 41	

PROCESSO

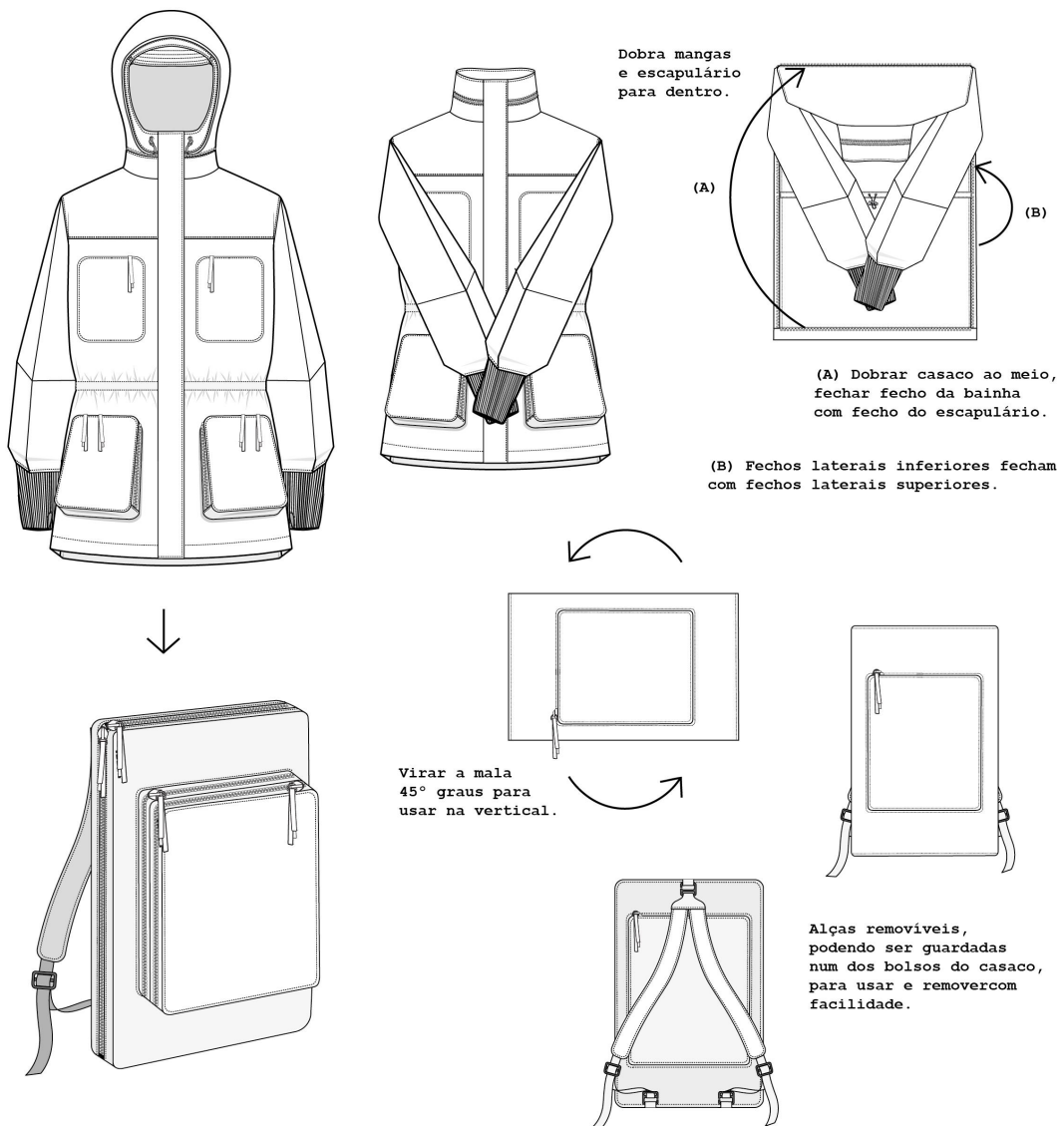


Figura 82 - Ficha técnica do processo de transformação do casaco em mochila, com alças removíveis. (Fonte Própria)

3.3. Modelagem / Protótipo



Figura 83 - Prototipagem. (Fonte Própria)

3.4. Peça Final

Devido à complexidade do protótipo, não consegui terminar a tempo da finalização do relatório. Contudo, segue abaixo os bolsos desenvolvidos, bem como as mangas com figuras geométricas, duas das principais preocupações no desenvolvimento desta peça.



Figura 84 - Protótipo final. (Fonte Própria)

Os bolsos na zona do peito, ilustrados acima, na figura 84, possuem divisões para documentos pessoais, bem como para pequenos objetos não muito volumosos. A utilização de fecho nestes bolsos deve-se a uma maior segurança ao guardar os pertences mais importantes de um cidadão.

3.5. Orçamentação

Para definir o preço que devia levar para cada hora, baseei-me na tabela salarial do estágio profissional de licenciatura.

Segunda a tabela um licenciado em estágio profissional ganha 1018.52€.

Calculando 8 horas por dia, vezes 5 dias por semana, vezes 4 semanas, dá um resultado de 160 horas.

Agora sabemos que num mês existem 160 horas e é só dividir pelos 1018.52€.

O preço por hora é então 7,04€.

Tabela 1 - Cálculo do custo do projeto. (Fonte Própria)

Cálculo do custo do projeto/design	
Atividade	Horas
Pesquisa	75
Painéis/temas/paletas	9
Escolha de Materiais	3,5
Esboços	10
Ilustrações	6
Fichas Técnicas	20
TOTAL DE HORAS	123,5
PREÇO/H:	7,04€
TOTAL DO PROJETO	869,44€

Tabela 2 - Cálculo do custo da produção do protótipo. (Fonte Própria)

Cálculo do custo da produção do protótipo	
Atividade	Horas
Modelagem	10
Simulação em Pano Cru	8
Corte	1,5
Confeção	10
TOTAL DE HORAS	29,5
PREÇO/H:	7,04€
TOTAL DO PROTÓTIPO	207,68€

Tabela 3 - Cálculo do custo da produção do protótipo. (Fonte Própria)

Cálculo do custo da produção do protótipo	
Pano Cru	7€
Fechos	62,5€
Forro	2,93
Linhas	9,56€
Tecidos	38,54€
Outros	10,14€
Total de material	130,67€
Total do protótipo	338,35€

Tabela 4 - Cálculo do custo de produção. (Fonte Própria)

Trabalho Freelancer / Apagar pelo Cliente	Projeto com protótipo	Custo do projeto	869,44€
		Custo do protótipo	546,03€

Cálculo do custo de produção	
Corte	1H (7,04€)
Confeção	4H (28,16€)
Fechos	62,5€
Forro	2,93€
Linhas	9,56€
Tecidos	38,54€
Outros	10,14€
Custo de Produção:	158,87€

Tabela 5 - Ponto crítico de venda. (Fonte Própria)

Preço de Venda ao público	
Lucro	10€
Ponto crítico de venda	16 peças

A margem de lucro de 10€ deu origem ao ponto crítico de venda, ou seja, após a venda de 16 peças, a margem do projeto tornou-se lucro.

4. Conclusão

Após a concretização deste projeto, foi-me possível compreender a dimensão e a importância de um projeto académico e o quão importantes são todas as fases que o estruturam, de forma a que seja possível chegar a um produto bem adaptado e desenvolvido para o público que visa alcançar. O grau de exigência foi bastante elevado, e foi um projeto moroso, com bastantes detalhes a terem de ser pensados objetivamente, de forma a que este pudesse responder o mais adequadamente possível às necessidades do público em questão, os migrantes e refugiados em situação de sem-abrigo.

Por ser um tema bastante sensível, este teve de ser tratado com o maior respeito possível. Tendo sempre em consideração que a estética é um aspeto importante, a multi funcionalidade e a versatilidade foram, contudo, os objetivos principais.

Este projeto foi alvo de várias discussões e de colocação de vários problemas. O projeto na sua íntegra, procura arranjar uma solução para uma problemática, de uma forma o mais humana possível, o que me pôs à prova psicologicamente.

Para que pudesse ter uma outra perspetiva da realidade que estas pessoas vivem diariamente, entrei em contacto com Cruz Vermelha de Leiria, no sentido de compreender os motivos do aumento do número de pessoas em situação de sem-abrigo, bem como as dificuldades que enfrentam ao viver na rua. Através da entrevista, pude também perceber como poderia dar o meu contributo enquanto designer de moda.

Após a conversa com as entrevistadas, procedi à elaboração dos produtos. Contudo, uma das falhas, inicialmente, foi no processo de transformação do casaco para mochila, o protótipo final a ser elaborado, uma vez que, a experimentação da dobragem deveria ter sido feita com os bolsos cheios, com os devidos objetos inseridos neles, de forma a ter uma melhor perceção da silhueta necessária que o casaco deveria ter.

Outro fator de insucesso foi no desenvolvimento dos bolsos, pois a utilização dos tecidos que escolhi, não foram os mais indicados, pois pretendia uma estrutura mais rígida, o que não aconteceu no resultado final.

Também o elevado número de detalhes a ter em conta no desenvolvimento no protótipo foi um grande desafio, e com o pouco tempo que tinha restante, não consegui atender ao objetivo final: a transformação do casaco em mochila.

Contudo, acredito que este projeto, com uma melhor pesquisa de materiais e um maior número de experimentações, tem potencial para se tornar num produto que pode ajudar centenas de pessoas, através de parcerias, não só com empresas de materiais têxteis, por forma a diminuir o preço final do produto, mas também com associações e ONG's, às quais a peça de vestuário pode ser vendida, e consequentemente distribuída a quem mais precisa.

Apesar da complexidade deste projeto, e o facto de não ter conseguido alcançar o resultado que idealizei, a possibilidade de entregar um pouco de mim a uma causa social desta importância, permitiu-me perceber que os limites que à partida existem, são também o impulso para os ultrapassar. Foi sem dúvida um projeto muito gratificante, que contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal , profissional e académico.

5. Bibliografia

ARAÚJO, Elizabeth Maurício de. Moda para sustentabilidade: vestimenta modular transformável como alternativa para slow fashion. Bacharel em Design – Universidade Federal da Paraíba, 2016. Rio Tinto: 2016. p.116.

BOLTON, Andrew, *The Supermodern Wardrobe*, V&A Publications, 2002.

CVP. Relatório de Atividades e Contas, 2023.

EDWARDS, Adrian. Refugiado ou migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto. Genebra, 2015.

ENIPSSA. Conceito pessoa sem-abrigo 2017-2023. Janeiro 2018.

EUAA, Relatório sobre o asilo 2023 - Síntese. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia, 2023.

FERREIRA, Veridianna Cristina Teodoro; CARVALHO, Agda. Projeto em Design de Moda e a Tecnologia Têxtil. 10.º Colóquio de Moda – 7.ª Edição Internacional 1.º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda, 2014.

HELLER, Eva. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. 1.ª Edição, Editora G. Gili, Ltda, São Paulo, 2013.

KORBES, Rafael; Mestre; Universidade Federal do Rio Grande do Sul - *Moda transformável: uma proposta de ferramenta de criação*.

KOSCHINSKI, Patricia Finamora de Souza. *A condição do refugiado na contemporaneidade*. 2020, Editora Dialética Ltda.

MACHADO, Ana Margarida Dias. Tese: *vestuário transformável: o contributo de um novo sistema modular*. Lisboa, Dezembro de 2011.

MARGOLIN, Victor; MARGOLIN, Sylvia. *A social model of design: Issues of practice and research*. Design Issues: Volume 18, number 4. Massachusetts Institute of Technology 2002.

MARTINS, C. M. *Introdução ao design do produto modular: considerações funcionais, estéticas e de produção*.

MOESCH, Laudecir. *Coleção de aviamentos e etiquetas com foco na pró-sustentabilidade ambiental*. Pós-graduação em Design de Moda e Vestuário. Universidade do estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2023

MUSTAPHA, Shahrizad Fitri. *Multi-Activities Jacket*, Faculty of Art & Design. Universiti Teknologi MARA Cawangan Perak, Kampus Seri Iskandar. Perak, 2017.

OLIVEIRA, Catarina Reis. *Indicadores de Integração de Imigrantes*:

RELATÓRIO ESTATÍSTICO ANUAL 2022. Edição: Alto Comissariado para as Migrações (ACM, IP), Dezembro de 2022.

PAPANEK, Victor. Design para el mundo real: Ecología humana y cambio social. Pollen Edicions. Madrid, 1977.

PAZMINO, Ana Verónica. Uma reflexão sobre Design Social, Eco Design e Design Sustentável. 1.º Simpósio Brasileiro de Design Sustentável. Uma reflexão sobre Design Social, Eco Design e Design Sustentável. Curitiba, Setembro de 2007.

SEF. Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2022. Editor Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, Maio de 2023.

TREPTOW, Doris, Inventando Moda - Planejamento de Coleção, 4.ª Edição, 2003.

6. Webgrafia

Todos os sites foram consultados entre março e junho de 2024.

<https://www.youtube.com/watch?v=Xk9J7GKLOmQ&t=548s&pp=ygUrZXhwZXJpbWVudG8gc29jaWFsIHNIbSBhYnJpZ28gZW0gwrpwb3J0Z3VhbA%3D%3D>

<https://www.iwm.org.uk/history/how-clothes-rationing-affected-fashion-in-the-second-world-war>

<https://www.cpcompany.com/en-us/our-story.html>

<https://sheltersuit.com/people-helping-people/sleeping-bag-to-sheltersuit/>

<https://sheltersuit.com/about-us/>

<https://www.vogue.com/article/sheltersuit-paris-fashion-week-fall-2022>

<https://www.crash.fr/sheltersuit-streetwear-for-a-cause/>

<https://www.businessinsider.com/angela-luna-designs-jackets-to-help-syrian-refugees-2016-7#-9>

<https://www.firesupplydepot.com/stay-safe-homeless-care-survival-kit-ssk1.html>

<https://www.iom.int/crisis-response>

<https://sicnoticias.pt/pais/2023-12-20-Portugal-tem-10.700-pessoas-sem-abrigo-e-mais-de-metade-esta-em-Lisboa-e-no-Porto-b1e881fa>

<https://www.dn.pt/sociedade/sem-abrigo-do-porto-refugiados-em-tendas-para-fugir-ao-frio--15784219.html/>

<https://expresso.pt/sociedade/2023-07-14-Maioria-dos-refugiados-sem-casa-ou-trabalho-ao-concluir-o-programa-de-acolhimento-em-Portugal-d98694f2>

<https://observador.pt/2024/02/16/mais-de-trinta-requerentes-de-asilo-em-risco-de-dormir-na-rua-nas-caldas-da-rainha/>

<https://www.offwrlld-techwear.com/blogs/techwear-blog/modular-clothing>

<https://www.kickstarter.com/projects/1944534490/adiff-goodgood-for-good-reflective-reversible-jack/description>

<https://officialbespoke.co/adiff/>

<http://linda-kovacs-kokw.squarespace.com/adiff-humanitarian-design>

<https://adiff.com/pages/about>

<https://www.forbes.com/sites/roddyclarke/2020/02/28/design-indaba-showcases-a-wealth-of-visionary-projects-on-its-25th-anniversary/?sh=ffb02e251499>

<https://sheltersuit.com/people-helping-people/thoughtful-design-shelterbag-evolution/>

<https://doorwaytodignity.org/shelterbag-project/>

<https://www.shelterlab.world/case/az%20factory>

<https://www.arte-util.org/projects/refugee-wear/>

<https://awarewomenartists.com/en/artiste/lucy-orta/>

https://www.irenebrination.com/irenebrination_notes_on_a/2018/07/lucy-jorge-orta.html

<https://www.cloudflare.com/pt-br/case-studies/sheltersuit/>

<https://www.businessinsider.com/royal-college-of-london-students-wearable-shelter-refugees-2016-11>

<https://www.dezeen.com/2016/01/27/royal-college-of-art-students-wearable-coat-tent-dwelling-syrian-refugees/>

<https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>

<https://expresso.pt/sociedade/2024-05-16-ha-um-campo-de-refugiados-no-meio-de-lisboa-2fc0c30d>

<https://portugal.iom.int/pt-pt/resposta-criises>

<https://www.sympatex.com/en/membran/>

<https://www.polartec.com/fabrics/weather-protection/neoshell>

<https://amensagem.pt/2024/04/04/beato-sem-abrigo-agua-fria-sem-luz/>

<https://www.deco.proteste.pt/casa-energia/condominio/noticias/como-preparar-kit-sobrevivencia-fazer-caso-sismo>

<https://www.jornaldeleiria.pt/noticia/distribuicao-de-cobertores-e-refeicoes-quentes-a-sem-abrigo-em-leiria>

<https://sheltersuit.com/people-helping-people/sleeping-bag-to-sheltersuit/>

7. Apêndice

(Escola Superior de Artes Aplicadas, IPCB)

Design To Live

Guião de entrevista

Esta entrevista é realizada no âmbito da Unidade Curricular de Projeto da Licenciatura de Design de Moda e Têxtil do 3.º ano, no contexto do trabalho intitulado “Design to Live”. Este trabalho tem como objetivo a criação de peças de vestuário transformáveis, tendo como público-alvo pessoas refugiadas sem abrigo.

Com esta entrevista pretende-se obter informações sobre o público-alvo que permitam melhorar o processo de design e a qualidade de vida destas pessoas.

PERGUNTAS

1- Permite-me a gravação da entrevista?

R: Sim.

2 - Tendo a Cruz Vermelha Portuguesa como missão “prestar assistência humanitária e social em especial aos mais vulneráveis, prevenindo e reparando o sofrimento e contribuindo para a defesa da vida, da saúde e da dignidade humana [Artigo 5.º, Decreto lei no 281/2007, 7 de Agosto]. Com a atual crise humanitária de migrantes, como é que a Cruz Vermelha vê esta situação num panorama nacional?

R: Secalhar começo por te dizer que nós temos uma estrutura de acolhimento temporária, onde albergamos cerca de 150 residentes, entre eles, todos homens, maioritariamente refugiados. Temos também algumas vítimas de tráfico humano e recebemos também pessoas que estejam em situação de emergência social, e daí poderá ser enquadrada a questão dos sem-abrigo. A nossa estrutura é apenas para receber migrantes, não temos ninguém português, portanto mostra a crise que estamos a passar com a elevada migração e quase de uma forma descontrolada. Para além disso, além da nossa estrutura de acolhimento, temos também o apoio psico-social, com a minha colega Inês, em que recebemos famílias, ou até pessoas isoladas, que vêm até nós solicitando apoio. Este apoio vem desde a parte alimentar, do vestuário, e às vezes até questões de burocracias da documentação.

3- Acolhem pessoas migrantes e refugiadas em situação de sem-abrigo no Polo da Cruz Vermelha de Leiria?

R: Sim. Para além desta causa, acolhemos ainda famílias refugiadas, inseridas num outro projeto, em que as famílias são automatizadas, não estão numa casa de acolhimento, mas sim numa habitação providenciada, em que são autónomos, e são suportados pela Cruz Vermelha. Durante 18 meses, são apoiados através dos fundos

da Comunidade Europeia e pela Cruz Vermelha, que é a instituição que os acolhe, os quais são apoiados a todos os níveis.

4- Se sim, quais são os procedimentos no acolhimento de uma pessoa migrante ou refugiada em situação de sem-abrigo? Como a recebem e integram na sociedade? (se por acaso responder não, deve tentar perceber quais os sítios que acolhem refugiados sem abrigo e quais os procedimentos).

R: Vou-lhe falar muito da realidade daqui da nossa estrutura. Basicamente, nós recebemos aqui pessoas que vêm de diferentes situações, e que chegaram ao nosso país de diferentes formas: uns de uma forma mais legal, e outros de formas por vezes que não são tão legais. E o que é o nosso trabalho aqui: o nosso trabalho passa por desde criar a documentação e desburocratizar aquilo que é toda a burocracia que envolve p.ex: criar o número de contribuinte, criar o número de segurança social, o numero de saúde... fazer um passaporte caso não o tenham, acelerar a legalização deles. E depois, não descurando esta parte da AIMA, conseguir articular com eles, o que nem sempre é fácil, porque o serviço da AIMA está neste momento, com um elevado número de pedidos, e tem sido difícil conseguirem dar resposta a todas as questões. Após a documentação, passamos para o nível seguinte, digamos assim, que é tratar da integração deles. Passa pelo seu acompanhamento às entrevistas, explicamos a situação, quase como que uma procura de emprego apoiada, não são apenas mais um emigrante a pedir trabalho. Nós, enquanto equipa tentamos manter este contacto e explicar e sensibilizar as entidades patronais, para as questões que estão aqui envolvidas. Após isto, passamos para o terceiro passo, que é a procura de uma habitação, e ficarem inseridos profissionalmente, e não descurando ainda, procuramos também promover o ensino da língua portuguesa.

5- A Cruz Vermelha faz distribuição de kits de emergência nomeadamente a pessoas em situação de sem-abrigo? Se sim, quais são os produtos que os compõem? (Perceber quais as necessidades mais urgentes desta população)

R: O que lhe podemos dizer acerca disto é que nós não temos um kit preparado. Nós funcionamos muito pelo o que é necessário. Conforme as solicitações que recebemos, nós vamos ao nosso stock para ver se é possível disponibilizar. Por vezes articulamos com outras instituições, como por exemplo, uma determinada família está a ser acompanhada por X instituição mas não tem o produto Y, se nós tivermos, no nosso armazém, disponibilizamos.

6 - De acordo com o relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo de 2022, os pedidos de asilo em 2022 aumentaram 29,5%, face ao ano anterior, totalizando em 1.991 pedidos. No que se refere à concessão de estatuto de refugiado, houve um crescimento acentuado, face ao ano anterior de (160,1%). Também uma

notícia no site do Observador, à data de 16 de Fevereiro de 2024, mostrava que “mais de trinta requerentes de asilo estavam em risco de dormir na rua nas Caldas da Rainha.” Também em Bruxelas, em 2023, dezenas de migrantes, à espera de documentos, relataram que “passam meses a viver nas ruas durante o inverno europeu sem poder tomar banho ou lavar roupa, dependendo exclusivamente de ONG’s para conseguirem-se alimentar.” Existem casos em Portugal de migrantes ou refugiados em situação de sem-abrigo em que nos indique quais são as suas necessidades?

R: O que lhe posso dizer é que nós recebemos pessoas de diferentes situações. Já recebemos pessoas que estão na rua, à frente do CLAIM, à espera de terem os seus documentos, e o que eles nos transmitem é que a maior dificuldade deles é conseguirem tornar-se legais em Portugal, ou seja, as burocracias e todo o processo de legalização em Portugal, a falta de rapidez na resposta. Apenas a seguir, é que começam a aparecer aquilo que eles consideram as necessidades secundárias. Quando eles se apercebem que têm uma equipa que está a trabalhar com eles, a tratar da documentação com eles, eles começam a expressar-nos outro tipo de necessidades. Necessidades a nível de acompanhamento psicológico, a nível de saúde, de vestuário por exemplo...

7 - Neste projeto proponho a criação de dois produtos: um casaco que se transforma em mala e outro casaco que se transforma em cobertor. Da sua experiência considera estes dois produtos viáveis ou na sua experiência existe outra peça de vestuário que ajudaria este público-alvo tão vulnerável?

R: Eles não expressam qual é que é o tipo de peça, contudo, daquilo que observo, ambas seriam muito úteis. Primeiro, porque eles andam carregados com “sacos e saquinhos” e eles chegam até nós, muitas vezes, com 2 ou 3 sacos e nós questionamos se a pessoa veio só com aqueles pertences, ao que nos respondem que tiveram que seleccionar com o que é que ficavam. Os agasalhos são uma das grandes preocupações deles, por isso sim, considero que são duas peças fulcrais. A mochila porque lhes vai permitir não ter “mais um saquinho” e dar-lhes-à outro tipo de utilidade e o casaco-cobertor é também bastante importante, tendo em conta o inverno. Um exemplo que chegou a acontecer foi chegarem ao pé de nós com calças que claramente foram cortadas para fazer calções para o verão, e não equacionaram que no próximo inverno precisariam das calças. Os sem-abrigo que nos chegam a nós em Leiria, eles pedem-nos muito cobertores, e depois almofadas, colchões...

8- De acordo com a autora Heller, as cores possuem vários significados que podem influenciar o nosso estado psicológico. Por exemplo, o amarelo pode simbolizar o otimismo, o verde a esperança, o azul a paz, etc. Considera que a cor pode ser um aspeto importante a ter em consideração no desenvolvimento destes produtos? Se sim, que cores destacariam?

R: Digo-lhe já que sim, e vou-lhe explicar com um caso muito peculiar. Nós temos connosco um senhor do Nepal, e que quando chegou, não tinha muita roupa e nós proporcionámos-lhe mais roupa, e ele só me dizia: “Todas as cores menos preto.” Ele recusa vestir preto, porque lhe lembra coisas tristes, e por isso que não veste. O Nepal e Timor, pelo que temos percebido, são culturas que ligam bastante a esta questão das cores.

9 - Para terminar, as organizações sem fins-lucrativos e organizações não governamentais (ONG) costumam dispor de orçamento para comprar artigos que melhorem o conforto das pessoas em situação de sem-abrigo?

R: Nós funcionamos muito com doações, e temos conseguido fazer face às necessidades através dos donativos que recebemos.